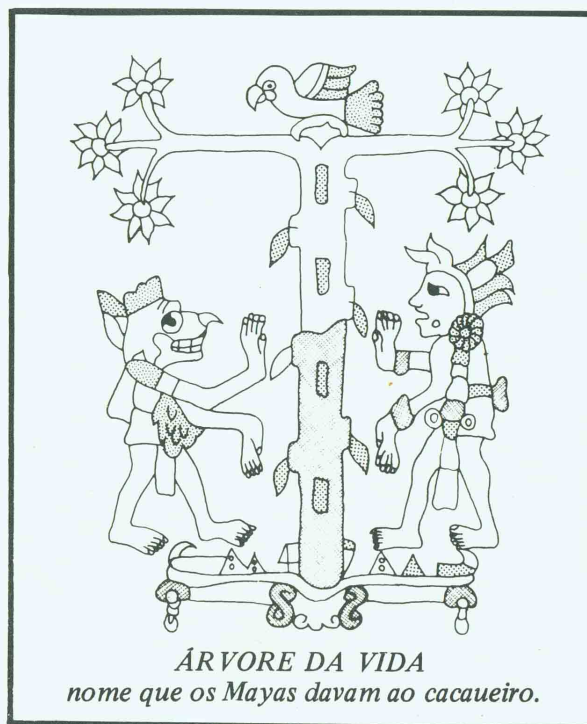


FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

6





As sementes da **Árvore da Vida** que germinaram na roça pioneira do Cubículo espraíram-se em forma de lavoura por todo o Sul da Bahia, vencendo a mata densa e fazendo surgir o novo Eldorado.

As **terras-do-sem-fim** fizeram sua história e sua riqueza com pioneirismo e bravura.

A CEPLAC evoca a epopéia do passado e une-se às forças do presente para consolidar esta nova **civilização do cacau.**



COMISSÃO EXECUTIVA DO PLANO DA LAVOURA CACAUEIRA
Vinculada ao Ministério da Agricultura

Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá do mais importante na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arrelento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tangido pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.

Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavalheiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o intrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padê de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

Jorge Amado

(Textos extraídos do livro "Bahia de Todos os Santos - guia de ruas e mistérios")

EXU: Escultura de Tati Moreno

Capa: EXU, de Agnaldo dos Santos

- 3 JORGE AMADO - entrevista
- 10 ADONIAS FILHO
- 15 FLORISVALDO MATTOS
- 16 JORGE MEDAUAR
- 18 SOSÍGENES COSTA
- 20 JORGE AMADO
- 22 ILDÁSIO TAVARES
- 24 NAOMAR DE ALMEIDA FILHO
- 27 ANTONIO JÚNIOR
- 28 PLÍNIO DE AGUIAR
- 30 FERNANDO LEITE MENDES

31 JAMES AMADO

37 CYRO DE MATTOS

38 TELMO PADILHA

40 Registro

Poster
Pintura de Carlos Bastos
Texto: Claudius Portugal

Coordenação Editorial: Claudius Portugal
Conselho Editorial: Myriam Fraga (presidente)
Antonio Risério, Fernando da Rocha Peres,
Florisvaldo Matos, James Amado,
João Jorge Amado, José Carlos Capinan,
Paulo Tavares,
Wilson Lins;
Criação Original: D & E;
Fotografia: Waldir Pinheiro;
Diagramação: Humberto Vellame;
Composição: Studio Domingos
Fotôtipo e Impressão: Traço



Exu é uma publicação bimestral da
Fundação Casa de Jorge Amado
Largo do Pelourinho s/n, Salvador,
Bahia, CEP 40025, Tel.: 242-0075.

Os conceitos emitidos em artigos assinados
são da responsabilidade exclusiva de seus autores.
Os originais não serão devolvidos.

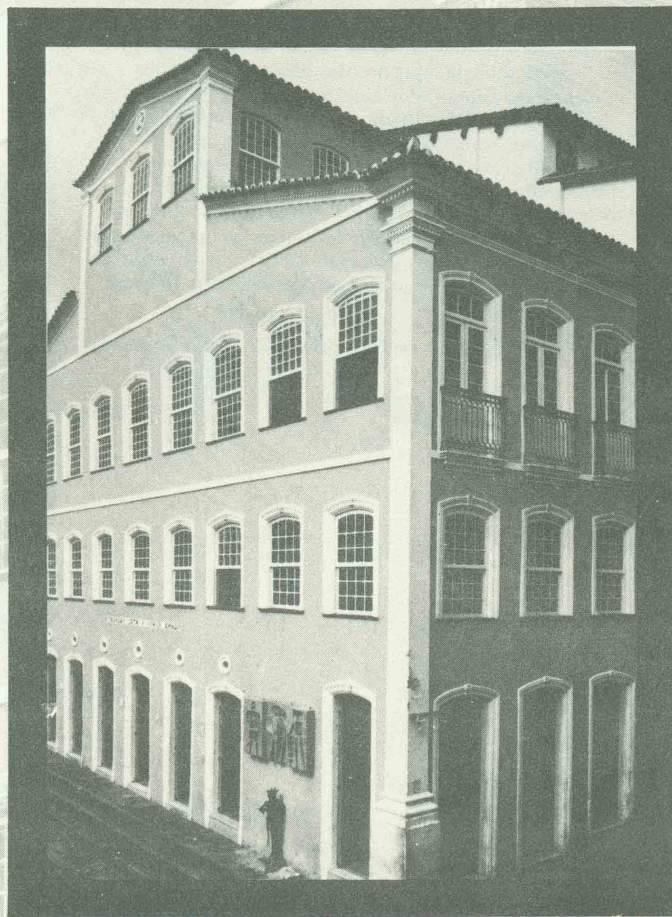
Publicação de acordo com a Lei Federal
n. 7505/86 (Lei Sarney).

Correspondentes: Adalmir da Cunha Miranda,
José Paulo Paes, Ricardo Ramos (São Paulo)
Afrânio Coutinho, Antonio Torres, Eduardo
Portella, Fernando Sabino, Mário da Silva Brito, Rubem
Braga, Bella Jozef (Rio de Janeiro), Paloma Amado
Costa (Brasília), Nadia Gotliéb, Oswaldo França
Júnior (Minas Gerais), João de Jesus Paes Loureiro
(Pará), Marcus Acyolli (Pernambuco), Sérgio de
Castro Pinto (Paraíba), Janaina Amado (Goiás),
Antonio Holhefeldt, Armindo Trevisan, Danilo Ucha
(Rio Grande do Sul), Haydée Jofre Barroso, José
Maria Paolantino (Argentina), Isabel Allende
(Venezuela), Gustavo Bustamante (Colômbia),
Miguel Bustos Cerecedo (México), Gregory Rabassa,
John Dwyer, Nancy Baden, Richard O'Connell, Tomas
Colchie (Estados Unidos), Alice Rayard, Francis
Combes, Jean Orecchioni, René Depestre (França),
Dario Puccini, Luciana Stegano Picchia (Itália), Alvaro
Salema, Fernando de Assis Pacheco, José Carlos de
Vasconcelos, Luiz Forjaz-Trigueiros, Nuno Lima de
Carvalho, Francisco Lyon de Castro (Portugal),
Xela Arias (Espanha), António Olinto (Inglaterra), Theodor Popoff (Bulgária), Pavla Lidmilová
(Tchecoslováquia), Kostas Assimacopoulos (Grécia), Jorge Kalugum, Vera Kuteichicova (URSS),
Jorge Alfama (Cabo Verde), Luandino Vieira (Angola), Rui Nogar (Moçambique), Osamu Kumasiro (Japão).

novembro/dezembro/1988

Ao completar um ano de existência, EXU
carrega nas tintas em homenagem à região do
cacau. A terra grapiúna, fértil semente para
escritores e artistas, está representada neste
número especial por alguns dos mais expressivos
nomes de sua vasta nação de criadores. Não todos,
evidentemente, o que seria impossível no modesto
limite destas páginas. Longe de nós estabelecer
critérios de prioridade: qualitativos, cronológicos
ou quaisquer outros. Tentamos apenas um recorte
no riquíssimo mapa cultural desta terra tão pródiga
de talentos. Alguns já tinham freqüentado nossas
páginas e não foram repetidos. Outros, igualmente
importantes, já estão programados para as
próximas encruzilhadas. Enquanto isto é bom
lembrar, também, que 89 vem aí e EXU prepara
novas artes.





Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente: Germano Tabacof / **Diretor Executivo:** Myriam Fraga

Conselho Curador: Alfredo Machado / Antonio Celestino / Calasans Neto

Carlos Fraga / Carybé / Germano Tabacof / James Amado

João Jorge Amado / Joelson Amado / Mirabeau Sampaio / Paloma Amado Costa

Paulo Tavares / Zélia Gattai Amado / Zitelman de Oliva.

Conselho Fiscal: Ernesto Widmer / Floriano Teixeira / Jorge Lins Freire
Lafayette Pondé Filho / Renato Antonio Martins.

Mantenedores: Construtora Norberto Odebrecht S.A. / Banco Econômico S/A

Companhia Brasileira de Alumínio — Grupo Votorantim

Consórcio Andrade Mendonça Suarez / Dmeval da Costa Chaves Cia. Ltda.

Editora Record / Fundação Cultural Nestlé / Nacional Iguatemi Empreendimentos S/A

Transguarda / Nitrocarbôno / Construtora Mendes Júnior

Sindicato da Indústria Petroquímica e Resinas Sintéticas no Estado da Bahia-SINPER

Jean Luc Lagardère / Construtora Andrade Gutierrez S.A. / Fundação Banco do Brasil

Entidades Conveniadas: Secretaria da Educação do Estado da Bahia

Secretaria da Cultura / Fundação Cultural do Estado da Bahia.



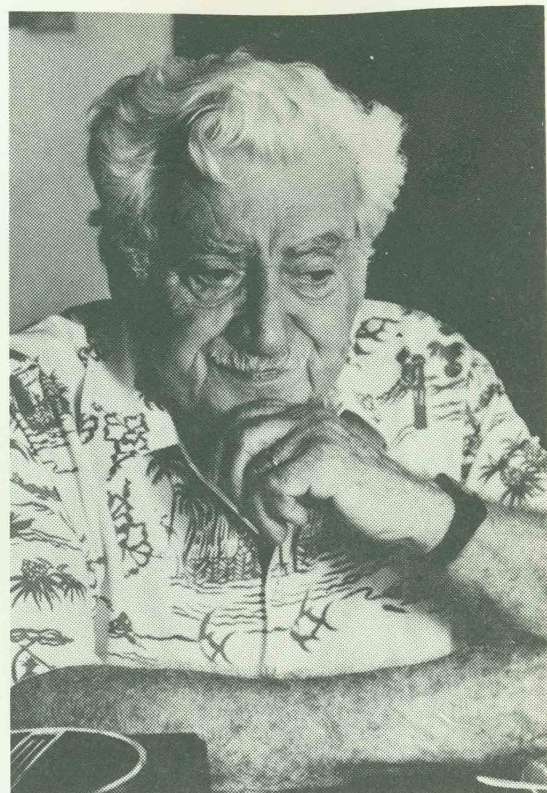
Jorge Amado

Um número especial dedicado a região grapiúna. Sendo assim, como não poderia deixar de ser, a entrevista estava em nossa própria casa. Jorge Amado é um dos filhos mais ilustres da zona do cacau do sul da Bahia, local onde ele além de ter nascido e vivido parte de sua vida, recria como cenário de alguns de seus romances. Sendo o autor brasileiro com maior sucesso no Brasil e no exterior, foram inúmeras as entrevistas que já concedera, sendo sua opinião devidamente conhecida em muitos assuntos, principalmente no que se refere a literatura, seus livros, e a política. Este era um fato que não podíamos esquecer. Partindo deste ponto, EXU buscou realizar a entrevista fugindo a estes temas e falando de um Jorge menino em Ilhéus, a fazenda e o mar, suas lembranças, as comidas e as festas, a vida de criança. Um Jorge, menino grapiúna, falando de seu mundo infantil.

Eu sou nascido na região grapiúna. Eu sou um grapiúna. Nasci numa fazenda de cacau, fazenda Auricídia, uma fazendola que meu pai, naquele tempo um jovem conquistador de terras, naquele tempo dos coronéis que depois povoaram de cacaueiros as terras do sul do estado, desbastaram as matas, plantaram cacau. Ele tinha esta pequena fazenda perto de um povoado chamado Ferradas, um município recém-fundado de Itabuna. Eu sou itabunense de nascimento, ferradense, bem do interior da região grapiúna. Mas vivi nesta região muito pouco tempo, apesar de depois ter voltado.

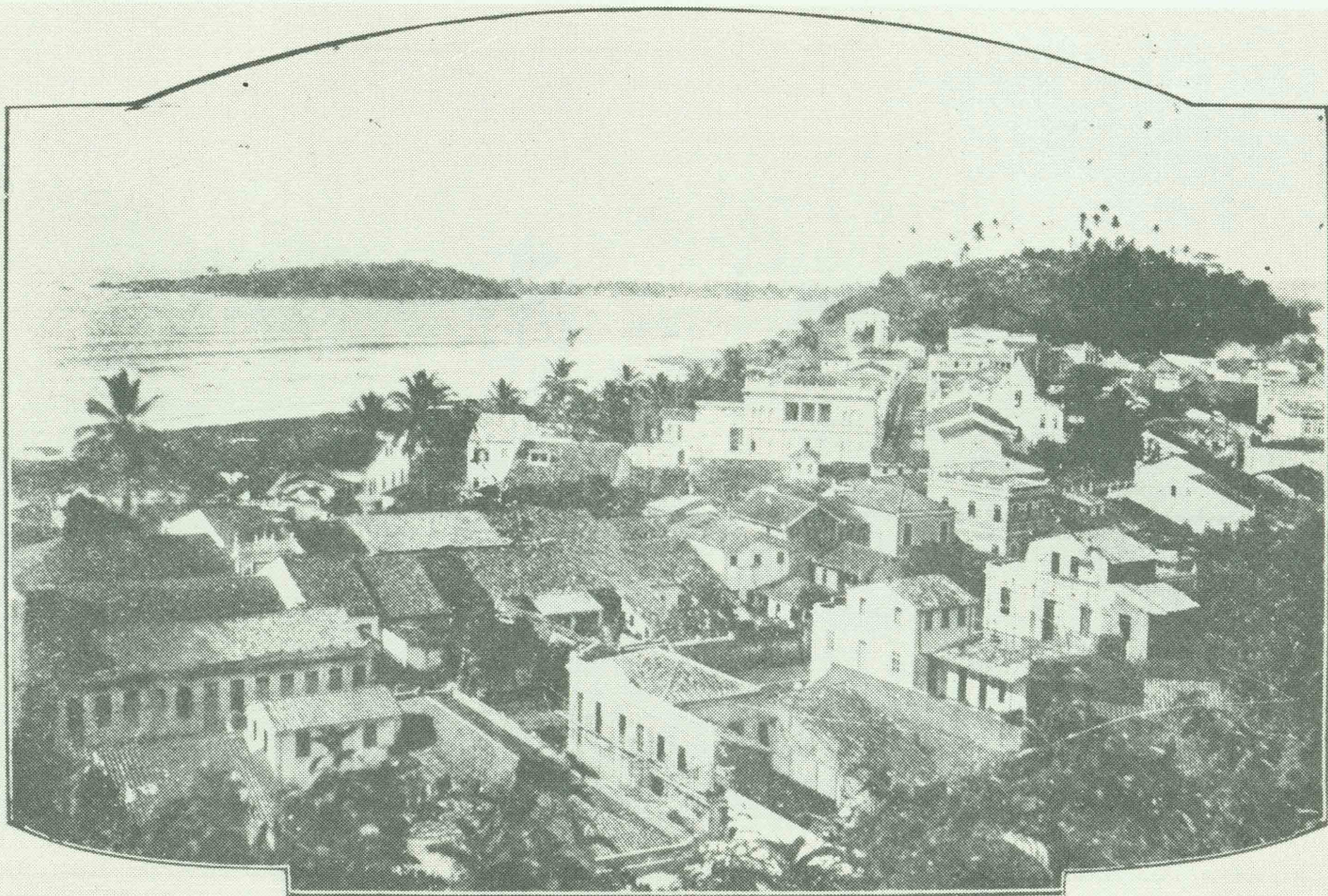
Em 1914, com um ano e quatro meses, uma grande enchente do rio Cachoeira acabou com as plantações de cacau, inclusive acabou com a fazenda de meu pai. Naquele momento ele estava muito misturado com as lutas pela posse da terra. Eu era menino pequenininho quando ele foi ferido por um jagunço que fez uma tocaia contra ele. Com a enchente que liquidou a fazenda nós fomos transferidos rapidamente para Ferradas, lá estava cheio de todos que fugiram da cheia e não havia mais lugar nessa região de Itabuna que eu haveria de voltar tempos depois quando meu irmão Jofre morreu.

A região grapiúna é minha terra e eu sou muito ligado a toda a região. Eu assisti o nascimento de Pirangi, que depois eu haveria de contar um pouco em Tocaia Grande. Assisti o nascimento de vários povoados nesta época. Lugares que não havia nada. De repente os tropeiros passavam a fazer pouso. Começava a haver um pequeno comércio de cachaça, casas de rapariga e a vida começava a se desenvolver. Depois se tornaria povoado e uma cidade. Assisti as grandes lutas pela posse da terra. Era menino e muitas vezes à noite era acordado com as cavalhadas. Isto me marcou muito e marcou toda a minha obra, sobretudo no que se refere ao lado rural desta obra, ou seja, ao cacau. Aí vivi toda minha infância, pois a Bahia só vim aos 11 anos para estudar, mas voltava em todas as férias.



 **E a cidade de Ilhéus que está tão presente em Gabriela e São Jorge dos Ilhéus, como foi esta vivência?**

Antes de falar nisto gostaria de dizer que o contato com os trabalhadores me interessou muito, principalmente pelos problemas sociais da vida dos trabalhadores, dos alugados. Daí o meu primeiro livro sobre a região, Cacau, que é um livro de aprendiz de romancista, mas onde estes problemas já estão colocados. Sobre as lutas escrevi dois livros. Terras do Sem Fim e São Jorge dos Ilhéus. Mas o meu chão principal nesta época, além das fazendas, foi a cidade de São Jorge de Ilhéus. Quando eu tinha quatorze ou dezesseis meses, meus pais batidos pela enchente, expulsos por terem perdido as terras que cultivavam, vieram para Ilhéus, onde meu pai se estabeleceu com um artesanato de tamancos. Fazia tamancos. Ele e minha mãe. Ela na máquina de costura recorrendo o couro e a fazer as bordas e ele a trabalhar a madeira, fazendo o pé do tamanco, em Pontal, que era um bairro pobre. Hoje é rico, tem uma ponte ligando. Eu cresci em Ilhéus e nas fazendas, eram as minhas duas paisagens. Ilhéus era uma cidade já então com foros de civilização, um tanto quanto bárbara, matava-se muita gente no meio das ruas, e eu vi morrer muita gente nas praças de Ilhéus. Uma vez estava almoçando com Sosígenes Costa numa pensão quando eu pude ver o jagunço encostar, fazer pontaria e matar um coronel. Mas Ilhéus era já uma



Um aspecto de Ilhéus

7880

civilização, tinha o vice consulado inglês, por causa da construção da estrada de ferro, e os ingleses ensinaram a se tomar drinks, uísque, estas coisas, com palavras inglesas entrando no linguajar da região. Era uma cidade na beira do mar, onde os navios vinham, já era um porto de exportação de cacau. Era uma dificuldade grande para atracar. Uma cidade com uma força poética muito grande, com a sedução do mar. Ilhéus era a porta de saída e a porta de entrada. Ali chegavam os sergipanos, os árabes. Meus romances na região do cacau estão povoados de árabes, de sergipanos, de sertanejos, os três grupos que realmente civilizaram aquela região.

“Terra da agreste poesia, da indômita coragem, chão de um povo que construiu civilização e cultura nas mais duras condições, a cidade de Ilhéus ergue-se na fímbria do mar — de um mar sem comparação. Eis as praias mais belas estendendo-se ao norte e ao sul, para aquém e para além do pequeno golfo onde o rio Cachoeira vem desaguar aos pés de uma urbe plena de vida, alegre e acolhedora.

Nas suas lembranças de Ilhéus estão sempre presentes o que poderia se chamar o mundo dos adultos, as tocaias, o jogo, os cabarés. E o mundo infantil, como era?

A criança nascia muito marcada por aquela dramaticidade de vida que se passava ao redor dele. Minha vida de menino, primeiro em Pontal, com dois, três, quatro anos, ali pela praia, numa infância muito agradável, apesar de que minha mãe cuidava demasiado dos filhos, era muito vigilante. Depois, a minha infância foi sobretudo nas fazendas de cacau. O meu tempo de colégio em Ilhéus, eu aprendi a ler em casa, e eu

sou contemporâneo de A Tarde, ela é um pouco mais velha, e minha mãe dizia que eu aprendi a ler com A Tarde. Meu pai foi assinante desde cedo, ao jornal sair. Quando fui para o colégio de Dona Guilhermina, o único colégio que eu frequentei em Ilhéus, famosa Dona Guilhermina com a palmatória, quando eu fui para lá já sabia ler e começava a escrever, o nome, as primeiras letras. Eu não entrei iletrado. Mas não tive muito tempo lá, porque da primeira vez, eu não fui dos alunos que mais sofreram com Guilhermina, eu tinha minha posição que era de

olhar, de ver, sem nunca ter sido caxias, não era mau aluno, mas depois comecei a me envolver com mais dois ou três e a fazer certas coisas que não eram de agrado de Dona Guilhermina na classe. E estas tranquinices, coisa de menino, ela me deu uma boa meia dúzia de bolos, e quando cheguei em casa minha mãe me tirou da escola e eu passei a estudar em casa. Naquele tempo para você ir para o que seria o ginásio, que é uma coisa que vem depois, eu quando vim para o Vieira aos onze anos, ainda vim para o primário e fiz um ano dos preparatórios. Naquele tempo não



Igreja São Sebastião - Ilhéus

havia o ginásio. Se fazia doze preparatórios para as grandes carreiras que eram Direito, Engenharia e Medicina. Mas em Ilhéus fui muito pouco de colégio. Apreendi mais em casa lendo jornal, redigindo jornalzinho como A Luneta, essas coisas de menino. Meu pai tinha um empregado, Deocleciano, que fazia as contas dos empregados, e que lia. Meu pai lia Alexandre Dumas, Os Miseráveis, minha mãe lia os folhetins, aqueles que se vendiam às quintas-feiras. Mas este Docleciano lia jornais e uns livros tipo literatura quase infantil, livros populares, e este homem foi mais meu professor do que muitos. Lia os livros dele.

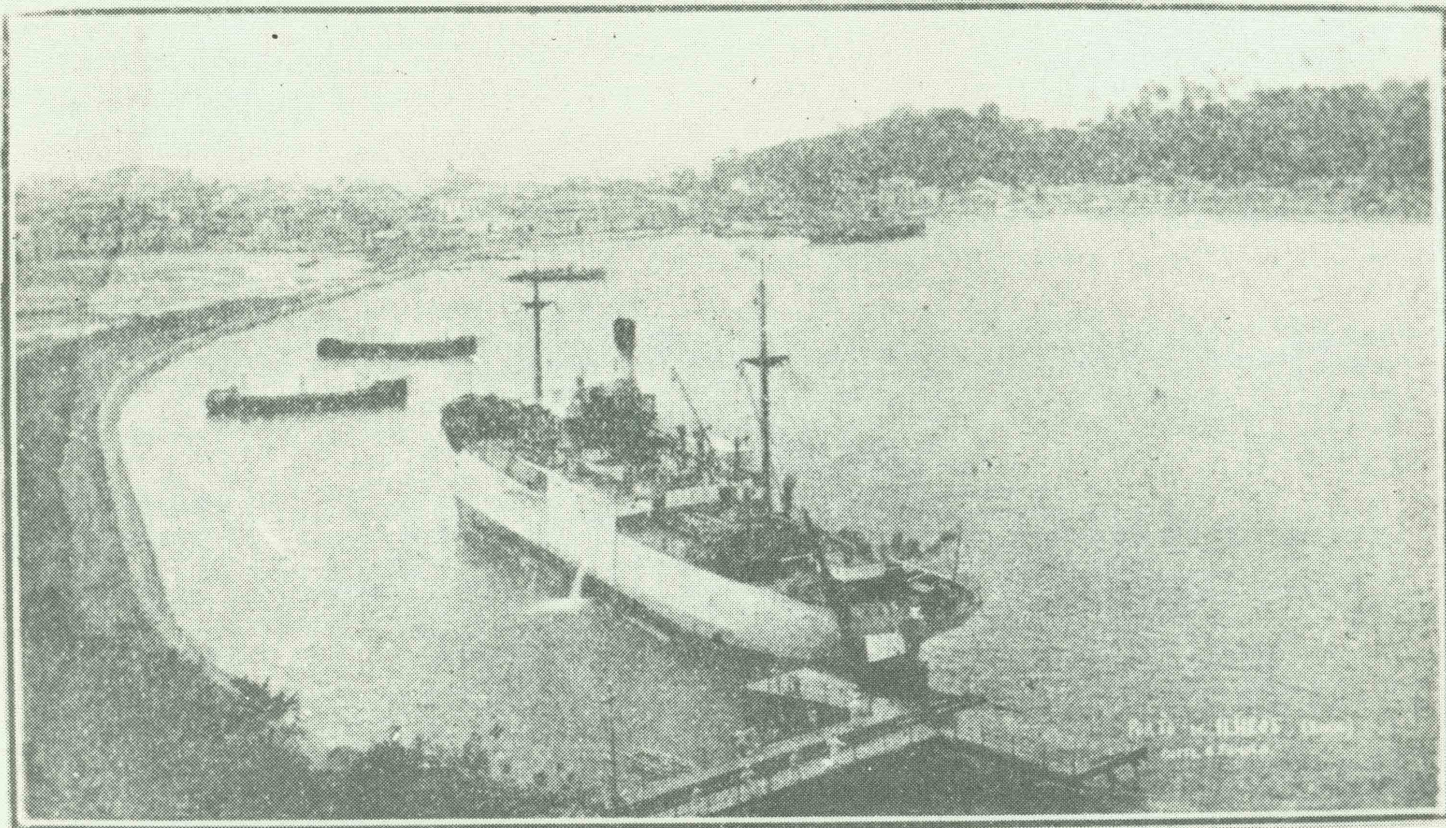
 Apesar de Ilhéus ser uma cidade à beira do mar, esta paisagem na sua obra é um dado muito mais marcante nos romances da Cidade da Bahia. Por quê?

A Bahia me marcou mais neste aspecto. Ela me marcou quando deixei o Vieira e fui ser externo no Ypiranga. Aí o mar me marcou muito. Mas Ilhéus está presente em minha obra. O árabe Nacib ia à Ilhéus para ver o mar. Ia à Ilhéus como quem ia à civilização. Era um lugar culto. Mas o mar de Ilhéus era um porto pequeno, aquele porto fechado pela baía pequena onde os navios atracavam com dificuldades. Havia naufrágios. Eram os navios da bahiana que iam. Levavam doze horas daqui

**Cidade de formosura
única, de presença antiga e jovem,
capitania de índios, capital do
cacau. Cidade criadora por
excelência, imaginosa, inventiva,
obstinada. Durante quantos anos
lutaram os ilheenses contra tudo e
contra todos pela construção do
porto do Malhado, ou seja pela
libertação da região cacauueira?
Ilheenses destemidos que no
passado partiram da beira do mar
para a conquista da floresta e o
plantio das árvores dos frutos de
ouro, para a conquista da fartura.
Do sangue derramado nessa luta
nasceram os poetas e os
romancistas para cantar a beleza
de Ilhéus e a saga de seu povo.**

à Ilhéus. Saíam cinco da tarde e chegavam de manhã, na barra, esperando suficiente água para poder entrar. Eram doze horas de jogar. Por isto, acho, resisto a qualquer mar. Mas a floresta

de cacau era mais poderosa do que o mar de Ilhéus. O meu mar é o da Bahia, apesar dele estar presente em São Jorge e Gabriela, neste com o problema do porto.



Porto – Ilhéos



Rue Conselheiro Saraiva

- ILHEOS -

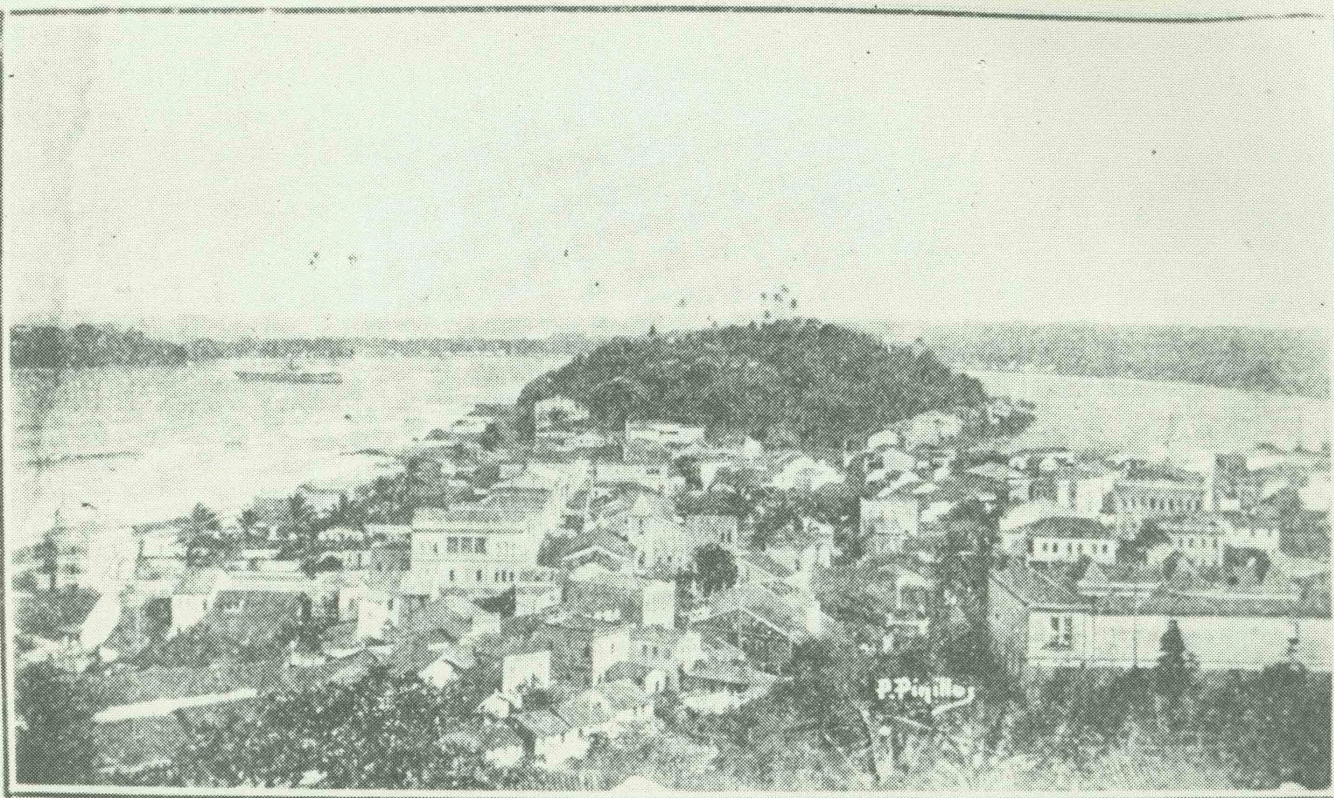
Conselheiro Saraiva Street

Buscando outros aspectos de Ilhéus, da região grapiúna, como era a culinária. Aqui e lá são bem diferentes?

Muito. Hoje a cozinha baiana tem uma grande presença, mas lá era muito ligado as coisas indígenas, peixes, caças, muita influência árabe, o charque. A vida era muito pobre. Quando começou a riqueza, mudou. Para lembrar, os dois grandes pratos da minha casa eram o cozido e a feijoada. As casas grandes eram pobres, não eram como

as de engenho em Pernambuco. Conheci estas casas sendo feitas sobre palafitas, embaixo criando-se porcos para impedir as serpentes. A tradição diz que o porco, pela gordura, isto impede o veneno penetrar. Outra criação que se fazia era de jibóias para comer ratos. Era uma vida muito difícil. Mas voltando às comidas, tinha-se muitas caças como a paca, a cutia, o veado, o teiú, que é muito gostosa. Havia as carnes de boi, galinha, patos, porcos. Havia a carne seca, de sol, de fumeiro, que

eram carnes de muito sabor e que davam um gosto a feijoada, junto com o paio, a linguiça, e a farinha. Colocava-se laranja para cortar a gordura e comia-se a feijoada bebendo cachaça, ou chupando laranja. Não eram pratos requintados de culinária baiana. Uma vez ou outra que se fazia a comida daqui, mas eram casas já requintadas. Só quando a região ficou rica é que estas coisas se estabeleceram lá. Na minha infância havia muita pobreza. O que tinha era muita bebida. Bebia-se muito



Panorama – Ilhéus

e os ingleses levaram o hábito do uísque. Mas em Ilhéus comia-se ainda muita coisa do mar e do rio Cachoeira, que é riquíssimo em pitu e caranguejos, este em escaldado, que é uma das coisas mais gostosas do mundo.

 **Outro dado ligado a infância, são as festas. Como era o Natal, Ano Novo e Carnaval?**

O Natal não era uma festa popular. De jeito nenhum. As festas eram Ano Novo, Reis, o reizado, que tinha seu esplendor no seis de janeiro. Depois vinha o Carnaval. Mas no Natal tinha uma casa que vendia maçãs, peras e uvas vinda da Europa e meu pai comprava. Vinha também castanhas. Mas não havia uma presença portuguesa poderosa. O português estava no sangue através do sergipano e do baiano, mas não como colônia como houve no Rio. A influência. O Carnaval era pequeno, como em toda parte. Era um corso. Mas tinha-se dois lados. O lado popular, o entrudo, é na Bahia os afoxés, o candomblé, um carnaval negro, muito perseguido, e uma característica única. Mas era pequeno. O que havia mesmo era o corso. Isto aqui na Bahia. E as grandes sociedades. Em Ilhéus não havia as sociedades, e eu me lembro do primeiro automóvel que chegou em Ilhéus em 1918, e que foi um Ford importado por um comendador. Quando ele desembarcou ficou no porto e todos

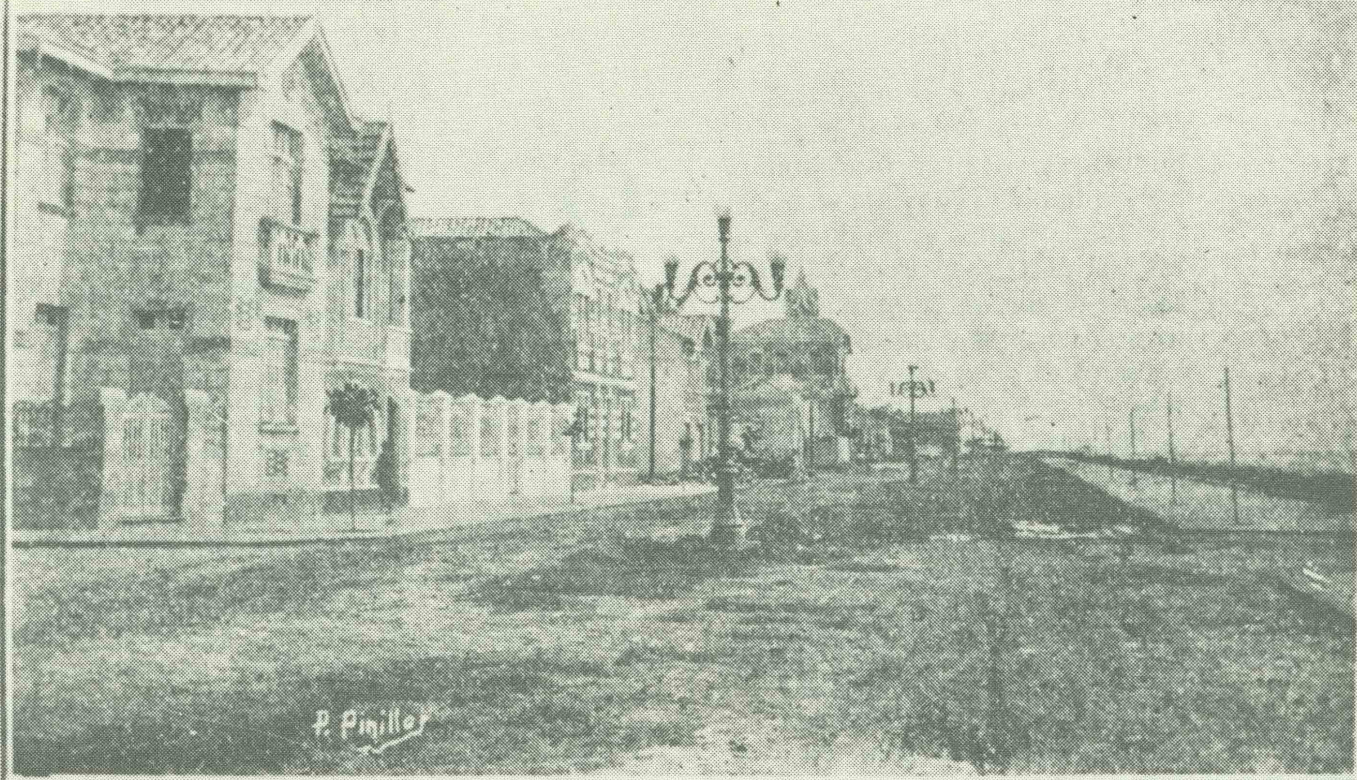
Da violência desatada, da aventura desmedida, das noites de tocaia, dos clavinotes erguidos, cresceram as plantações de cacau, o gosto de enfrentar as dificuldades e o amor ao progresso. Terra indômita, terra alegria, terra farta, terra culta. Assim é Ilhéus, cidade de São Jorge, guerreiro e justiceiro, aquele que se levantou contra a injustiça e derrotou o dragão, São Jorge dos Ilhéus.

foram visitar. Eram dois carnavais. O das famílias com bailezinhos em suas casas, com confetes, serpentinas, lança perfume, e os carnavais dos cabarés. Mas era uma festa pobre, como eram os ternos de reizados.

 **Para encerrar, como foi a mudança de Ilhéus para a Cidade da Bahia, este momento na lembrança como um fato de sua infância?**

Eu não deixei inteiramente a região. Não me desliguei da vida de lá. Era um ponto de referência. Eu nunca me desliguei das raízes grapiúnas. Volto sempre.





Avenue Alvares Cabral

- ILHEOS -

Alvares Cabral Avenue

**Beleza e graça acolhedora,
bandeiras de alegria desfraldadas
para todos os visitantes, das mais
diversas plagas — bem-vindos a
Ilhéus! Aqui encontrarão o casario,
as praias deslumbrantes, o ouro
dos cacauais, o mar infinito e a
infinita gentileza. 99**

Texto publicado no Diário da Tarde,
Ilhéus, Bahia, em 15/10/1973.

O LIVRO ILHEOS



Uma visão

Eu vi tudo no começo. A trilha avançou passando o Sequeiro e se abriu como uma estrela naquela chapada sem tamanho. Tantas as pontas da estrela, tantas as veredas. Coisa bonita de olhar! As matas em torno, o grande céu por cima, o cheiro da selva no ar. O Almada, aquele rio manso que se fazia assassino nas enchentes, partia o campo ao meio. Foi do lado direito, o chão ainda escuro da queimada, que a choupana se ergueu. Palmas de catolé na cumeeira, a terra do chão no reboco da parede, o terreiro limpo, quase maloca de índio. Eu chegava com os cachorros, meu bacamarte de dois canos, a cartucheira no cinturão. Vinha de um mês nas brenhas, caçando antas, tinha as barbas nos peitos. O velho apareceu saindo da maloca, metade de homem de tão pequeno, a cara chupada.

— A paz com vosmecê — eu disse.

— A casa é sua — ele respondeu.

O velho era muito velho, os cabelos compridos e corridos, mas ainda com forças para bons anos de vida. Me recebeu com alegria, brilhavam os olhinhos miúdos, os braços secos. Os cachorros o descobriram, farejando a clareira e a choupana, deram no descampado. O rio largo, correndo lento, lavando as margens. Quando me sentei, cansado de pedir sono, já a carne assava nas brasas.

— Que lugar é este? — perguntei.

Falar, para um homem da selva, é trabalho difícil. Um mês vinha eu, noite e dia sozinho comigo mesmo, silencioso como a minha faca. Tudo esperava encontrar, tudo que a selva é cheia de surpresa, menos aquela queimada nos costados do rio. Logo entendi por que os cachorros não acuavam. O fogo espantara a caça sacudindo as antas. Eles vieram, os cachorros, no cheiro da queimada e quase em linha reta, vencendo os brejos e os espinhos, eu querendo descobrir o motivo daquela afobação. Tempo seco fazia, verão na umidade, e tanto que os cachorros suavam.

Uma chuvada, mesmo rala, bastaria para cortar o faro. E foi aquele espanto quando vi, do alto, o descampado aberto pelo fogo, a maloca no centro, o rio correndo em boa calma.

Falar é difícil, um homem e seus cachorros, mês ou mais sem ouvir a própria voz. O gibão de couro, a faca, as alparcatas, o bacamarte, os bornais. A fogueira da noite, o dedo no gatilho, é acordado que se dorme. A gente escuta as coisas, a água nas pedras do riacho, bando de aves gritando como uma metralha, o vento no copado dos arvoredos, escuta sempre com a boca fechada. Não estranhei, pois, que o velho buscasse a língua para a resposta:

— Nome não tem. Aqui, porém, esteve a praga dos índios.

Em todos os lugares, e muito antes do cacau, os índios estiveram. A selva foi deles, aqueles bichos, os pagãos brutos. Os grapiúnas com eles se fizeram, filhos também de mulheres índias, deitados na terra nua como o leito da criação. É de bugre o que há de mateiro em nós, a selva quase a nossa casa, sabendo como viver no ventre das matas. Instinto de caçador, esses pés que andam sem ruídos, esses braços que nadam sem barulho, esses olhos bem acesos dentro da noite, tudo isso foi herança.

— Que índios?

O REI

— Não sei, não sei! — o velho exclamou, a voz crescendo no silêncio. — Bando deles viveu aqui, viveu muito tempo, topei o resto de um cemitério.

Foi o que escutei, tudo o que escutei, porque o sono logo me venceu. Acordei com o poder do dia, meus olhos de um mês na selva espantados com tanta luz, já ouvindo a passarada no canto. Em frente, sentado no chão, fitando-me, aquele velho. Me parecia impossível ter sido ele quem limpasse a selva, derribando as árvores, pondo o fogo, já nascido o capim. Força, talvez força nos braços secos e vontade no coração cansado. A carne se assava nas brasas, a um canto, carne de caça pequena, tatu ou paca, o cheiro bom aumentando a fome.

— Tem sal? — ele perguntou.

— Um resto — a minha resposta.

Abri o bernal e aquela mão de sal foi um grande presente. Comemos em silêncio enquanto os cachorros latiam como se acuasse. O velho fechou a cara e, abandonando o prato de flandres, apanhou a espingarda de caça. Correia para fora, muito apressado, eu não o detivesse com a pergunta:

— Onça, alguma onça por aqui?

— É o carcará, menino, o meu inimigo.

Sáímos e, na imensa claridade, eu vi o gavião enorme rodando os ares, veloz e belo, muito alto. Sabia como voava, examinando a terra, sem medo do vento. Os cães latiam, saltando e correndo na clareira, aceitando o desafio. O velho entre os cães com a espingarda nos braços e as pernas firmes. O círculo amplo sobre as franjas de mata, o vôo certo, ele zombava do velho. Veio ao centro e, como em um mergulho, quase atingiu o chão. Correram os cães e o velho atirou — os músculos tesos na cara e o olhar aceso — atirou duas vezes. O carcará baixou mais, navalha nas garras, cortando um dos meus cães. Aprumou-se, rápido, subindo como uma flecha. O velho ergueu a arma para atirar novamente mas, segurando-o nos braços, exclamei:

— É um bicho valente!

Voltou-se para mim, alarmado, como se não entendesse o meu gesto. Havia ódio na face e logo depois eu saberia que, mais que o ódio, havia a necessidade de vingança. O carcará escondera-se, sumira na mata, o sol mostrando apenas o azul do céu. Então, correndo, fui ao encontro do cachorro ferido. Sangrava o talho na altura do pescoço, ele gania, precisamente o de bom nariz. Cachorro incapaz de agredir ou defender-se, um rastejador sem igual, levantador e seguidor de caça que não acuava. Amoitava na hora da luta como um covarde. O gavião, aquele uraçu da peste, não cortaria os outros. Soubera escolher, tinha cabeça, conhecia os cachorros. Cuidava da ferida, queimando o talho com aguardente, quando o velho se aproximou para exclamar:

— É um assassino!

O ódio novamente, o homem odiava o gavião como se fosse um homem, talvez o juramento de matá-lo ou morrer. Conheciam-se de muito tempo, eu já não tinha dúvidas, o velho e o gavião. Demorei o olhar na clareira, vi o rio correndo manso, os cachorros ainda inquietos. O velho perto, agora sentado, a arma ao alcance das mãos. Perguntou-me, de repente, sem que eu esperasse:

— Onde estão os pássaros?

Em verdade, em verdade, eu observei. O sol crescia, chegava o calor, não voava um pássaro. Silêncio, fazia silêncio na mata em volta como se todas as aves estivessem mortas. Assobie alto, o eco se distendeu, foi uma música. Ele as amedrontava, ele, o gavião. Tinha força nas asas, lâminas nas garras, facas no bico. As árvores, apesar da folhagem, pareciam nuas assim sem os pássaros. O velho percebeu meu espanto e ergueu a voz:

— É o que digo, um bicho malvado, um assassino!

Cortou o fumo, fazia o cigarro, quando uma ave solitária invadiu a clareira em meia altura voando sem pressa, o vento ajudando. Um pato selvagem, sem dúvida um renegado, que descobria o rio. Desceria, buscando pouso, talvez forçado pela sede, necessitado de água para abrandar o mormaço. Era fácil adivinhar que chegava cansado, de muito longe, talvez do outro lado do território.

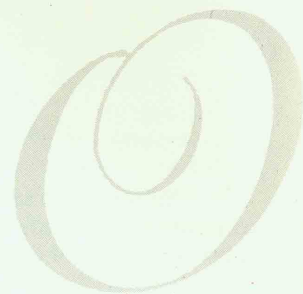
— Espere e veja — o velho me preveniu. — Veja como ele mata.

Ficamos sentados, os cachorros, inquietos, o espaço sem manchas. O pato perdia altura, as asas lerdas. E, poucos metros do chão, quase sobre o rio, o gavião veio como a flecha, cortando o ar, veloz e bruto. O pato viu, moveu as asas como querendo fugir, era tarde, já as garras o prendiam, as facas cortando, o sangue escorrendo, mantendo a presa enquanto subia em vôo certo na direção da selva. Embaixo, impassível, ficou o rio.

— Um assassino — o velho repetiu.

É a fome — eu disse.

Ergueu o rosto, cansaço e tristeza, o cigarro na boca. Pôs a mão em meu braço, parecendo agora muito fraco, como buscando apoio. O calor, suor em sua testa e nos peitos. Foi então que escutei a voz. O velho narrava e eu concluía que tudo acontece neste mundo de Itajuípe, o possível e o impossível, homens e bichos amarrados pela dureza da vida. A luz do sol engrossava no mormaço, o ar sem vento, a folhagem parada, um purgatório. Mata do território virava sertão, o carcará nela sumido, jurado de morte por aquele velho desinfeliz. Os cachorros deitados com a língua de fora na preguiça. Eu, caçador de ofício, sabia o que vale a demanda de um homem com um bicho.



Já travara luta assim com um par de onças, três meses de perseguição, rodando o sul do Itajuípe por dentro da selva. O velho ali estava, narrava o acontecido, tinha raiva no sangue.

“Eu prometi a Satanás que mataria o assassino. Tenho as minhas razões e a filha sabe. Maria, a filha, perdeu o menino por causa dele. Tudo tem de começar do começo. Vosmecê escute. No flanco oeste de Itajuípe, naquele brejo de Santa Rita, ali moro eu desde que Maria se casou com Ramiro, genro pamonha, um anágua. Quem devia estar aqui, caçando o miserável, era ele e não eu. Lá ficou, encostado na saia, replantando o cacau novo, como se não houvesse acontecido o que aconteceu. Enfim, em sua sabedoria, Deus sabe o que faz.

Sou um velho mais velho que o povoado de Itajuípe, Mateiro que nunca saiu da mata, encontrei coisas que acreditei porque vi. A verdade, porém, é a verdade. E digo jurando que, como aquele assassino, jamais houve outro no território inteiro. Conheci ele numa derruba, marcava as árvores para o machado, quando a trilha — era um caminho no chão — me fez estancar os passos. Trilha da cobra maldita, o pico-de-jaca, a cabeça devia ser como a de um bezerro, dois metros de raiva e comprimento. É a cobra de Satanás, vosmecê sabe, e conhece que é um caçador. Examinei à espingarda, o gatilho bom, as balas no ponto. E disse para a arma de fogo:

— É parada de vida ou morte.

Um pico-de-jaca, morando assim em terra da gente, a obrigação é matar depressa. Essa raça precisa desaparecer do mundo. E foi por isso que, acororado, vigiei a trilha com cuidado para descobrir que, se passara há pouco tempo, não devia estar longe. Tomei a trilha, o gatilho aberto, pisava como um índio. Em frente, meia hora depois, e o mato estava seco, vi a desgraça montada no rabo, erguida sem dobras, a cabeça dançando. A barriga amarela, os olhos acesos, capaz de saltar para morder um cavalo em disparada. Mas, neste momento justo, voando em torno, provocando, estava ele, o gavião. O homem com sua espingarda, o gavião com suas garras, a cobra com o seu veneno. Eu, o homem, verifiquei que a luta era entre a cobra e o gavião. Era entre a cólera e a paciência.

O gavião ainda não agredia, castigava, fazendo a cobra mover-se, subindo e descendo, enraivecida. É capaz de morrer assim, em pleno ódio, contorcendo-se no chão. Eu tinha a atenção concentrada, o dedo no gatilho, e esperava. Foi quando vi o gavião rodar por baixo e cortar no tronco. A cobra caiu e ele novamente cortou. Um pouco menor e a suspenderia no ar, sacudindo-a, para quebrar a espinha. A luta prosseguiria, com o gavião já vitorioso, ali eu não estivesse, apressado, querendo completar a derruba. Corri mato adentro, buscando a cabeça como alvo, puxei o gatilho, Lamento hoje, que conheço o assassino, não ter feito o mesmo ao gavião.

Agora, vosmecê escute. Quatro ou cinco dias depois, aí por volta das três horas da tarde, Maria fazia renda. Ela tem dedos rápidos, Maria, quando trabalha os bilros. Ramiro na roça, plantando umas bananeiras, coisa assim. Eu dentro de casa, rebocando a cozinha, em tarefa de pedreiro. Entretida na renda, ela, Maria, não viu quando o menino se afastou, engatinhando, para o terreiro limpo. Foi tudo muito rápido, vosmecê escute. O menino se distanciou, alguns metros da casa, Maria com os olhos nos bilros. Veio de cima, as garras afiadas, no mergulho. E agarrou, cortando o menino, lascando a cara, o assassino. O choro, Maria gritando e correndo, eu também corri. Uma pasta, mistura de sangue e pó, o corpinho sem vida. E Maria não se atirasse sobre o filho doida naquele minuto, ele o teria levado com sua força dos infernos.

Tomei a espingarda e julguei ser fácil matá-lo. Não sou um caçador, vosmecê sabe, plantar e colher é o meu serviço. Veio daí talvez o meu engano. Uma semana inteira gastei perdendo os tiros, ele se internando na mata, eu o seguindo até que aqui se deteve. O rei, é o rei destas léguas! Eu vi ele por cima, voando alto, conhecedor de todos os cantos, de todas as árvores, o verdadeiro dono.

— Espere, espere que te ensino — eu disse.

Foi então que resolvi abrir a clareira. Voltei em casa, falei com Maria e o genro, trouxe o machado e as coisas de que precisava. No dia de fogo, quando as labaredas subiram, ele soube que eu estava embaixo. Voou nesse dia, rodando o céu nas alturas, vendo a queimada, Levantei o casebre, plantei feijão e milho, limpei as beiras do rio para melhor apanhar os peixes. E aqui estou, com munição de guerra, porque o assassino foi jurado por mim.”

Permaneci em silêncio, o velho já outro homem em meus olhos, entendendo a sua perseguição. Desviei o rosto, buscando o céu, talvez o gavião voasse. Tudo ainda parado no mormaço grosso. Os cachorros deitados, as línguas de fora, escutavam o rio. Foi então que o velho disse:

— Eu sei que não mato ele.

— Por quê? — eu perguntei.

Fitou-me aflito, parecendo cansado, quase derrotado.

— As mãos tremem quando atiro. Não acerto nunca.

E mais alto, exclamando:

— Depois, depois eu não sou um caçador!

Esperei, em silêncio, sabendo que o velho sofria. Talvez a vergonha da volta sem o gavião morto, Maria esperando, o genro julgando-o um homem acabado. Tinha de ficar mesmo no jirau, comendo pela mão da filha, sem

REGI

pernas para andar, imprestável. Senti sua mão em meu braço, ela tremia, quando disse:

— Quero lhe pedir um favor — abaixou a cabeça e adivinhei que o coração sangrava. — Um grande favor!

— Diga, diga logo!

— Mate o assassino, por São Bento, mate o gavião!

Ele, o gavião, era um caçador como eu. Valente e esperto, dominando os espaços, o rei. Arriscava a vida, em luta frente a frente, quase todos os dias. Podia imaginar às vezes que se atirara no ar, para o duelo, contra os que invadiam o seu domínio. Solitário e bruto, tinha de manter o reino, saindo sem medo para a guerra e a caça. Não, não merecia morrer! Minha lei dizia que não se matava quem assim conquistava a liberdade e não se feria quem defendia a vida com coragem. Havia, porém, o velho. O velho e o seu pedido.

— Vosmecê mata ele? — interrogou.

Não sei ainda hoje por que prometi. Talvez menos o velho com sua honra naquela morte. Talvez ainda menos o menino, seu neto, gente como eu, mas para o gavião apenas uma presa. Talvez o desafio ao caçador, meu orgulho em abater o rei, eu sabia como fazer para que temesse um homem. Prometi, pois, com certa tristeza:

— Você levará ele, morto, para Maria.

Esperei, sentado com o rifle entre as mãos, que aparecesse. Tinha de estudar o seu vôo, como planava com as asas abertas, articular esse vôo com a velocidade do vento. Um rodeio que fizesse, apressando-se nas curvas, não me apanharia desprevenido. Esperei sozinho, os cachorros recolhidos, o velho na tapera, clareira quieta. Metido em uma touceira de canoão, escondido para quem procurasse do alto, meu instinto de caçador dizia que ele viria buscar a causa do silêncio. E veio, quase no fim da tarde, voando rápido no reconhecimento. Levantei-me, com o rifle pronto, era uma obrigação que me visse para saber que não morria pela mão do velho. Atirei, dois tiros seguidos para desorientá-lo, e, unindo o braço e os olhos, puxei novamente o gatilho. Rodou no espaço, caindo, sem vida.

Adonias Filho nasceu em Ilhéus, Bahia, em 1915. Um dos mais importantes escritores da ficção brasileira, publicou, entre outros, *Os Servos da Morte*, *Corpo Vivo*, *O Forte*. O conto aqui reproduzido foi retirado de *Léguas da Promissão* (Ed. Civilização Brasileira).

SE VOCÊ PENSA QUE A IPIRANGA É UMA EMPRESA SÓ, ESTÁ NA HORA DE COLOCAR OS PINGOS NOS IS.



A Ipiranga é um dos dez maiores grupos privados nacionais. Um grupo que atua com grande força nas áreas de petróleo, fertilizantes, petroquímica e química. De um modo ou de outro, a Ipiranga está sempre perto de você, disposta a ajudar no que você precisar. Quando você quiser um pingo da atenção da Ipiranga, pode ter certeza de que você vai receber muito mais do que isso.



Itabuna, 1950 (Bar, Jazz, Bogart)

"Tinha tempo bastante a desfrutar".
(K. Kaváfis)

Baco adora quando desço a Praça Adami, caminho do Elite Bar. Lá (no bar de Emetério), busco o morno canto, próximo às mesas da sinuca; ao fundo, ocupo a mesa de granito sobre tripé de ferro decorado. Observo os jogadores do apostado, os ases das tacadas; o maior, Zito Maleiro, já tuberculoso, captura a solidão da bola-sete: o infinito resvala sobre o verde espaço de luz acabando o jogo.

No ambiente etéreo, Raleu, um Gable de cabaré no rosto juvenil, confere ares de sonho ao botequim. O garçom vem. Peço um vinho do Porto. Ali, flagro o soluço do gargalo, o entumescimento da taça e o rubro trincolear do vidro satisfeito. As vitrinas do balcão, as prateleiras, alojando garrafas de bebidas. A roda de gamão. O espelho e o rádio Philips. Na sequência das notícias, um julgado de saxes e trompete: Duke Ellington; atacando "Perdido", acende um risco de neon na noite.

Sorvo o vinho do Porto, calmamente. Atento o ouvido para o andar de cima, ouço o ruído abafado da roleta na sensação das coisas clandestinas. Chegaram os amigos. Planejamos o que faremos do frescor da noite. Saímos. Vamos pela rua da Lama, em direção à Zona, ao bar de Juca. Lá ficamos até de madrugada.

Por que pensar na ciência dos abismos, se temos muito tempo para a frente? Antes fazemos hora, indo ao cinema. Subimos a praça. Nunca perdemos, em nossa idade, um filme de Bogart.

Florisvaldo Mattos nasceu em Uruçuca, Bahia, em 1932. Jornalista, escritor e professor, publicou *Reverdor*, *Fábula Civil* (poemas) e *A Comunicação Social na Revolução dos Alfaiates* (ensaio).

Penas de amor

De hoje, que estou nessa janela, vendo aquele toco de pau em minha frente, parado como se fosse o vulto de uma pessoa. No começo, meu coração arrancou desabalado, pensei que fosse tu que vinha chegando, mas logo reparei que sem montaria não podia ser. Achei graça misturar uma pessoa com toco de pau que eu vejo todo santo dia. Mas quando a gente espera alguém que vai chegar, é assim mesmo: pega embaralhar coisas, começa a ver vulto em todo o canto. Já antes, quando eu vinha para minha janela, parece que le vi passando pela porta do quarto. Até ouvi sua voz me chamando: Juana vem me dar aquela camisa limpa de listra que comprei em Itabuna. Levei um susto. Olhei. Não vi ninguém. Sorri. Me lembrei que de outras vezes, na tocaia de uma espera, era como se a pessoa esperada estivesse escondida por detrás da gente, brincando de picula. A gente sente que a pessoa está presente, mas não está. Ora vamos deixar de ver visagem, disse comigo mesma, fui andando para minha janela. Passei pelo papa-capim, buli com ele com a ponta do dedo, ele se assanhou, deu uns pios, resolvi voltar, trocar a cuia de água velha por uma de água fresca. Alegre, feliz e satisfeita alisei meus cabelos com as mãos abertas, debrucei na janela, aqui estou vendo os anus gemendo nos moirões, o gado mugindo no campo, o sol esfriando, o vento da tarde assoprando até meu rosto e tu não vem. Seu Calimério indagorinha passou por aqui, abanou bás-tarde com o chapéu na mão, perguntou por vós, estranhando a demora. Le disse que tu não tinha chegado, ele botou o chapéu na cabeça, franziu as sobrancelhas, fez um jeito de quem não crê e foi-se embora. Peguei imaginar coisa, minha cabeça inchou, vi você num bolo de cabras, brigando de facão no meio do mato, os cabras correndo de medo e tu de novo na montaria, enxugando o suor da labuta, voltando para casa como se não fosse nada. Adespois meu coração me disse que tu tava arriado, penando por via de uma mordida de cobra venenosa, e perna engrossando encarnada, o veneno navegando da perna para o coração. Não sei por que diabo pensei em cobra, acho que foi porque vi uma enorme, embolada feito um rolo de corda de navio, atraindo uma jia miúda, a pobrezinha vinha para ela, nuns pulinhos fracos, acho

que sabendo que ia ser engolida mas vinha, vinha nos pulinhos. Tive pena. Na hora que agarrei um porrete para acabar com a festa a cobra se soltou, num minuto estendeu o corpo comprido e apanhou com a boca a pobre jia, que só fez dar um último pio. Coisa ruim é o que a gente pensa quando espera, por isso foi que le disse logo, meu bem, não demore, não me deixe só nesse ermo, volte para casa antes da noite. Agora vejo que escureceu, os bois estão procurando os troncos de pau para se esfregar, espantar os carrapatos, depois dormir mastigando até de manhazinha. Vejo a vaca rajada tangendo com o rabo um anu pousado em sua anca, beliscando os carrapatos agarrados em seu couro. Com pouco mais, seu Julião vem prender os bezerros: a noite começa quando ele vem para sua tarefa de todo dia. Já estou ouvindo seu assobio de longe e tu ainda não veio, meu bem. Vesti meu vestido de bolas, penteei meus cabelos com pente grosso que tu me deu, botei neles uma flor de vaso. Mulher é assim mesmo, fica tola, pega inventar artes para visgar ainda mais a pessoa que é dela. Eu le amo, nunca me importei com sua coisa, sei que seu gênio é assim mesmo, um pouco estabanado, mas por dentro seu coração é mole igual de criança, de menino pequeno que esquece, num minuto volta a brincar. Quando uma vez tu prendeu meus cabelos no baú, eu bem que sei por mode de quê. Chorei, é verdade, mas mulher foi feita para o choro, meu nego. Eu sabia que tu me queria só pra tu e não me zanguei não senhor. Não foi pouco o que recebi de maus tratos, mas depois entendi na minha cabeça que tu não tinha outra senão eu mesma, esta mesma Juana que agora espia a noite, as estrelas bulindo, os vaga-lumes beliscando o escuro de breu. Seu Julião já conduziu os bezerros, achei melhor apagar o candeeiro, ficar no escuro, para ninguém reparar que estou sozinha em casa esperando tu que não veio ainda. Que foi que aconteceu? Procuro com o juízo saber que diabo atrapalhou sua volta e não vejo outra coisa em minha frente senão coisa ruim — tu derrubado no chão, preso, peado, sem poder se bulir do seu lugar. Inda já pouco olhei uma estrela grande, querendo me distrair, disfarçar os pensamentos tolos, mas o que vi foi tu numa agonia. Meu deu uma coisa por dentro, tive vontade de sair correndo atrás de você. A gente que tem o coração repartido e retalhado por uma pessoa, às vezes o que sente dá certo e eu tenho de estar certa. Quero ver tudo nesta vida mas não quero le ver penando sozinho no meio do mato conforme le vi. Até urubu passeava por cima de seu corpo inchando a ponto de pocar. Deus me livre e guarde, minha Nossa Senhora Rainha do Céu me proteja de uma coisa dessa consigo! Boto os olhos duros nas estrelas, não sei se Deus mora mesmo do lado de lá da lua e do sol, mas peço com todo fervor para Deus, para os anjos do céu, São Jorge e São Benedito le acompanhar até aqui. Quero que tu me veja preparada e cheirosa. Não sei por que nessa noite meu coração disparou e seu batuque é com tenção em tu, meu bem. Olha que já vou entrar, me estender na cama, rezar pedindo por vós. Quando você entrar, não precisa me acordar, basta tirar as botas e se chegar, que eu mesmo dormindo já sei que só pode ser tu. Debaixo do pano da mesa de cozinha tem o troco da despesa que fiz por sua ordem na quitanda de Dona Davina.

Vá colher a flor, Juana. Ela nasceu de madrugada e ainda está escorrendo sereno. Tá fresquinha, tremendo na ponta do galho, balançando, se oferecendo como menina nova. Vá colher. Bote ela nos cabelos. Tu vai ficar enfeitada de flor e não há quem agüente botar os olhos em você sem sentir o coração inchado de vontade. Ande pelo caminho que vai dar na fonte. Procure pelo lado da paineira grande que se despeja por cima da beira do rio. Ali adiante. Depois de umas pedras forradas de musgo verde, tu vê a flor balançando no vento. É uma flor rara, de pétalas de todas as cores. Tu bota ela enfiada nos cabelos, ou se quiser no cocoruto do coque. Tu vai ver o povo de olho arregalado em cima de tu. Não há quem não cobice aquela flor cheirosa, danada de tantas cores. Quando vi a flor, a primeira pessoa que pensei foi em tu. Vi seus cabelos enfeitados com ela e o povo arrodeando para perguntar onde diabo tu havia encontrado aquela preciosidade. Depois, vai colher, mulher! Não me importo não! Quero ver tu enfeitada. Bonita como o diabo. Botando inveja nesse povo besta. Reconheço que fui pior que o cão pra tu. Tranquei você por dentro de casa, levei a chave, corri mundo, fazendo bandalheira por aí fora. E tu feito bezerro no curral, sem se queixar, mansa, aceitando os maltratos. Quando vim, encontrei tu encaveirada, magra, mostrando os cambitos, os olhos recolhidos para o fundo, as costelas furando o pano fino do vestido. Me arrependo agora. É perdão o que le peço de coração. Se eu tivesse uma fortuna muito grande, um anel de pedra, uma argola de ouro, uma pulseira cravejada eu te dava. Eu te dava um reino se eu fosse rei e tivesse reinado. Fazenda de gado se eu fosse fazendeiro. Roça de cacau se eu tivesse roça, mulher querida do meu querer. Agora reconheço que fui um cão, le fiz mal como o diabo. Te lembra que tranquei seu cabelos escorridos no baú velho? Depois, foi uma judiaria que nunca mais cometo. Também, quando tive ciúmeira le vendo pousando diante dos olhos de cobiça de Calimério Zé Homem, parada e aflita igual que uma pomba embatucada pelo olhar de uma onça, a vontade foi espetar seu corpo na hora que tu dormia inocente. Espetar com minha faca de ponta que trouxe do Juazeiro. Le vi dormindo, examinei seus peitos subindo e descendo no suspiro do sono e não tive coragem não, Juana. Eu não sabia que tu era leal feito mãe, sincera feito irmã. Maginei o diabo por dentro de minha cabeça tonta e muitas noites, enquanto tu ressonava sonhando com a inocência das bondades do mundo, eu rondava por dentro de casa vendo visagem, espianando as gretas das portas, pensando que tivesse vulto rodando a casa por mode pousar com tu. Cabeça de homem com amor fica cega e surda. Ninguém sabe de onde vem tanto marimbondo e se enfia pelas orelhas, pelo nariz, pelos olhos da gente e fica azucrinando no oco da cabeça. Arranquei cabelos, bati o coco nas paredes, igual que boi marruá. Queria ter certeza que tu gostava mesmo era de mim mas uma voz dos infernos falava no meu peito que tu tinha homem, que tu era mulher sonsa, de olhar de viés. Depois nada disso conferia com a santa verdade. Tu nunca foi mulher para dois homens, nunca. Na hora que sua mão alisava meu rosto, meus cabelos, eu tava pensando que tu tava fazendo assim por arte de me enganar. No dia que tu pediu me dá uma flor para botar nos cabelos, eu quero ir

na quermesse enfeitada, eu pensei que tu ia se enfeitar para outro alguém. Bati na sua cara com a palma da mão aberta e até hoje me arrenego. Nunca que devia fazer isso numa santa inocente filha de Deus, agora tou aqui penando, o corpo sacudido de sezoão, vou morrer na beira desse atoleiro sem ninguém para me dar um chá, uma palavra de consolo, reza de extrema-unção. Os bichos do mato vão me roer, minha carniça vai ficar exposta catingando, chamando urubu para repasto. Me atolei nesses brejos, não tem salvação, me arrasto como teiú chumbado e é de hoje que aqui estou sem força para me levantar, marrar o animal que está solto, amontar depois e percurar um arruado, um vivente para implorar remédio por misericórdia. Foi de uma hora para outra que isso me afetou, eu tava bonzinho seguindo meu caminho, até vinha assobiando, escutando a cantoria dos passarinhos, os guinchos dos sagüis, a folia dos periquitos. Quando vi, foi um esmorecer formingando e meu corpo escorrendo da montaria, direto para se estender no chão. Acho que foi da água quente que bebi num brejo podre no meio do caminho. Uma vez tive isso, nunca le disse nada, mas foi coisa passageira. Agora, veja, estou sentindo um frio da disgrama invadindo meu sangue e não posso nem abrir os olhos, Juaninha do meu xodó. Se tu tivesse aqui eu podia morrer descansado, reparando e expurgando meus crimes. Cuma é que posso dizer essas coisas pra tu se tu tá tão longe e eu na beira desse brejo, arriado, consumido, pegando fogo, castanholando os dentes? Não é mais frio de inverno que estou sentindo mas um febrão da miséria que arde nos olhos, queima na boca, assa o corpo inteiro de cima para baixo. Onde foi que vi a flor para tu botar no cabelo? Adonde? Acho que foi na beira da fonte, não foi? Vá, Juana, apanhe a flor, bote ela nos cabelos, passeie na quermesse, vá para as novenas, eu quero ver você enfeitada com essa flor que agora não sei mais onde diabo se escondeu, indagorinha ela se abria em minha frente, balançando no vento, e estava pingando sereno fresco e eu via ela espetada no cocoruto de seu coque, como um presente divino de Deus. Percure a flor, Juana minha filha, eu sei que tu é gente boa, merece ser coroada de flor e diadema, acho que está escurecendo, já não ouço a mula fossando os matos, atolando as patas no chão empapado do brejo, meu corpo está incendiando e o jeito é eu me arrastar igual que lagarta e refrescar a febre na água rasa do brejo. Vou fazer isso, Juana. Que bom que eu não me apagasse por mode continuar cheirando seu cabelos, repousando com tu na cama e nos capins verdes do campo, na sombra daquela castanheira — se lembra, Juana? Anoiteceu e uma estrela bem por cima de mim está tremelicando, é ver um vaga-lume perdido no breu da noite. Não, não está mais, é a flor, a flor que nasceu de manhãzinha e está se oferecendo para eu colher ela e dar para tu, mas não posso, que meu braço não sai do lugar, parece que botaram uma pedra pesada por riba dele. Vai no meu lugar, Juana, vá colher a flor para a lindeza dos seus cabelos, que o brejo está me engolindo, é mole igual que lesma, estou afundando, afundando e a flor balança em minha frente, se oferecendo para uma mão colher. Colhe ela, antes que alguém passe pela fonte, veja aquela formosura e leve ela, não sabe? Vá, Juana, vá...

Jorge Medauar nasceu em Uruçuca, Bahia, em 1918. Jornalista, publicitário e escritor, publicou, entre outros, *Água Preta*, (*contos*), *Jogo Chinês* (*poesia*).

Safra de Tupã

Passado tempo, Tupã-cavalo com podão
colheu fruta de cacau que tinha dado
e estava assim de madurinha.

E se sambou no cacau.

Jupará, jupará,

olhe a mão do gavião.

Sambou Paulo, sambou Pedro

sambou até dona Bolinha,

sambou Chico de Rufina

sambou Naçu feito um pião.

Pé de cacau carregou como pezinho de limão,
pé de cacau estava assim de cabaça amarelinha
pelo galho e pelo tronco e até lá na raizinha
uma penca em cada galho, um broquel em cada nó.

O pezinho de cacau parecia um ramallete.

Carregou tanto o cacau que ficou xispeteó.

Jupará não me coma

o cacau do gavião.

Tupã-cavalo com facão

partiu fruta de cacau, fez dedeira de chitão

tirou cacau como se fosse a tiradeira

do dedão de gavião.

Olhe o cacau já na folha de banana, jupará.

Cacau tirado vai pra folha de banana

cacau tirado sobre a folha escorre o mel.

Tupã-cavalo fez jacuba desse mel

mas não fez doce de lata

nem vinagre, jupará.

Tupã-cavalo fez jacuba desse mel

que achou doce como cana

mas da cana que é caiana

e foi plantada no roção daquela mana

no roção da mana véia

que não planta mais banana

nem cacau pro jupará.

Flor de Cacao

Flor de cacao toda orvalhada e moça,
és curtinha de sereno em Una
em Itabuna ainda és mais moça.
sinhá-moça, mulher de grapiúna.

Flor de cacao toda orvalhada e roxa.
Chuva em crisol fez teu lilás moreno.
Serias a paixão de Barba Roxa,
se Barba Roxa viesse a este sereno.

Roda no orvalho este cacao pequeno.
Roda em sereno este pião de louça,
crisoberilo lapidado em roxo.

Quem quiser se çasar, escolha moça
que tomou chuva e, além de sol, sereno.
Flor de cacao é o tipo dessa moça.

Declaração de A de São Jorge de

ditada em praça pública por seu fil

Cidade do meu amor, Rainha do Sul, reduto de índios, capitania, porta do cacau aberta ao mundo, porta de entrada ao universo grapiúna, São Jorge dos Ilhéus;

pioneira, mãe de cidades, vilas, povoados, eu te saúdo em nome de tuas irmãs mais moças, Itabuna, Itajuípe, Belmonte, Uruçuca, Canavieiras, Ubaitaba, Caravelas, Una, Coaraci, em nome de todo o território e de todo o povo grapiúna, em tua data gloriosa, na festa de teu centenário;

ditaste a lei e comandaste os homens na saga do cacau — sobre o sangue derramado construiste riqueza e civilização;

venho te ofertar meu amor de toda a vida, desde que cheguei infante à fimbria de teu mar, às praias do Pontal, vindo das terras ricas de Itabuna, das roças recém-plantadas, de Ferradas onde fui parido;

me acalentaste em teu seio pujante, de tua seiva me alimentei de destemor, de malícia e graça, de paixão pela aventura, me ensinaste o acontecimento e a poesia, me deste a medida da vida e da morte; me deste a chave da advinha, a que abre as portas da realidade e da magia;

me fizeste homem e escritor, te devo a decisão, o conhecimento e o ofício; para que um dia eu viesse te reescrever, povoar tuas ruas, e, arauto de tua grandeza, levasse teu nome ao longínquo e ao recôndito, aos confins.

Neste teu dia de proclamação e reconhecimento, quero saudar a todos e a cada um;

saudar os coronéis, os que aceitaram o desafio e assumiram a luta, vararam a selva, derrubaram a mata virgem e plantaram as roças — coronel Manuel Misael da Silva Tavares, começou tropeiro tanjendo burros, terminou rei do cacau; coronel Pedro Catalão, parecia um europeu de tão civilizado; coronel Basílio de Oliveira e Sinhô Badaró, os invencíveis guerreiros; coronel Antonio Pessoa e sua intendência; coronel Ramiro Ildefonso de Araújo Castro em seu palacete; coronel José Ninck, negro e destemido; coronel João Amado de Faria, meu pai: o coronel Aguiar com quem ele conversava em frente à nossa casa é o pai de Adonias Filho;

saudar Brasilino José dos Santos, meu compadre Brás, a cara marcada da bexiga, o riso aberto no rosto de caboclo; ele traçou os caminhos, violou a floresta, plantou os alicerces de Pirangi, fundador da cidade;

saudar os principais responsáveis por tua grandeza: os alugados e os jagunços, vindos do sertão e de Sergipe, os que adubaram a terra com seu sangue generoso e a prepararam para o plantio e a colheita do cacau;

saudar os que lutaram pelo progresso, por teu novo porto substituindo a pequena enseada de perigos e naufrágios — teu porto por onde saem para os quatro cantos do mundo as amêndoas do cacau, tua cor, teu sabor e teu perfume.

Saudar João Mangabeira, recém-formado bacharel em Direito, menino de dezenove anos, desembarcando em Ilhéus para aprender e ensinar — plantou a cultura em meio aos cacauais.

Amor à Cidade Ilhéus, na festa de seu centenário, em junho de 1981, seu filho adotivo e amantíssimo

Quero rever as meninas em flor, as namoradas na janela e no portão; quero reencontrar as raparigas dos cabarés e dos castelos, românticas e puras; quero jogar dados no bar do cais com os ingleses da Estrada de Ferro, brindar por teu futuro — com eles aprendemos o valor e o gosto da bebida; quero sentar novamente ao lado dos jogadores de pôquer, num quarto do Hotel Coelho, dos profissionais vindos para o novo el-dourado ganhar o dinheiro fácil dos coronéis do cacau com a trinca Itabuna e um renque de blefes — meu tio Álvaro Amado, coronel do cacau, exibia o jogo, recolhia as fichas, sorria modesto: “mal sei distinguir o valor das cartas;

quero ouvir a voz erudita de João Evangelista de Oliveira, discutindo gramática e romances franceses; ler o artigo castiço de Nelson Schaun; a página exemplar de mestre Epaminondas Berbert de Castro; o verso de Fernando Caldas; escutar o riso de Helvécio Marques — eles empunharam a cultura como uma arma, tão importante quanto o rifle e o clavinote;

quero andar outra vez no ford-de-bigodes de Demostinho, varar a estrada de lama e buracos para penetrar nas festas de Itabuna, namorar em Água Branca e em Banco da Vitória — Demosthenes Berbert de Castro, o patriota por excelência, o herói da construção do porto, o infatigável cidadão;

quero abraçar Raimundo Sá Barreto, a imbatível lealdade a serviço de tua tradição e de teu progresso;

quero perambular vagabundo pelas ruas, com o poeta Sosígenes Costa, vindo dos mares de

Belmonte para ser teu predileto, aquele que te engrandeceu e nos deu o dom maior da poesia eterna;

quero ir buscar Otávio Moura na redação do jornal para partirmos ao encontro das mulheres mais formosas nos becos mais esconsos;

quero assistir o navio succo vencer a barra estreita e ameaçadora e ancorar na manhã de minha infância, trazendo o sonho das viagens, a sedução da falsa loira de Estocolmo;

quero brindar em tua honra com os ficcionistas grapiúnas, os que narram tuas histórias e inventam tua humanidade, conservam viva tua memória: Adonias Filho, James Amado, Jorge Medauar, Hélio Pólvora, Sonia Coutinho, Emo Duarte, Elvira Foelpel, Cyro de Mattos, Marcos Santarita, Clodomir Xavier de Oliveira, meus irmãos de ofício e de labuta;

quero te saudar com os poemas mais belos de Telmo Padilha e de Florisvaldo Mattos;

quero improvisar uma canção, pronunciar um discurso, conceber um verso que seja igual à aurora, tenha a beleza única das roças de cacau, dos frutos sazoados, para dizer de tua face múltipla, rural e marítima, bravia e terna, de tua altivez atlântica, de tua graça cativante, de tua juventude centenária, de tua grandeza, cidade ilustre e fundamental, chão de valentes;

sou teu filho, cresci em tuas ruas, contigo aprendi a liberdade e o futuro, a luta contra a opressão e a miséria, contigo aprendi o amor — minha cidade de Ilhéus, minha pátria bem-mada!

Três Poemas em Crise

(1982)

Ergo-me altivo e sobranceiro
na conquista do papel. Esse
que me reservaram branco

para colorir meus dias. Haja chuva.
O mundo é sempre um esboço sutil
de Primavera. Nada importa
o sofrimento da hora.

Ontem mesmo, quando vi aquele
negro velho de cabeça branca
que vendia aipim na esquina
descer alquebradamente do ônibus

e, trôpego, caminhar desabado por essas,
de remendos cobertas, calçadas da cidade,
recusei qualquer sentimento. Pensei:
lá vai o velho caminhando

por essas calçadas
cobertas de retalhos.

Ela era dessas mulatinhas
dos olhos verdes, tão
comuns na Bahia; não mais
que sete anos, descalça a saia rota.

Aproximou-se de mim. Observou
meus movimentos; é nessa banca
da porta que sempre
compro cigarros. Ela

me viu tirar o dinheiro do bolso;
me viu pagar; receber o troco —
foi aí que estendeu a mãozinha
e esfrangalhou o olhar.

Percebi que tinha um rostinho —
apesar de sujo esquálido e maltratado —
mimoso, e uma certa graça esquiva
no jeito de estender a mão.

Entrei, com um pouco de pressa,
e até me bati com uma estudante,
deselegantemente,
para não me atrasar na aula.

Na calçada, ao entrar pelo portão,
vi uns meninos rotos
lavando parabrisas de carros
por um dinheiro qualquer.

Os motoristas faziam um sinal,
com o polegar para baixo
e eles nem começavam
a trabalhar. Outras vezes,

roubavam rápidos o assentimento —
varriam ágeis a espuma ligeira
até a complacente, mísera, quando
não contrafeita, dádiva. Virei a cara.

Queria até fazer um belo poema, hoje.
Não deu. Bati apenas essas coisas,
mais por desencargo de consciência.
A poesia vai ter que esperar.

coágulo

Nunca tenho medo porque as águas sempre me dizem o caminho. Isso de não temer, jamais perder o controle, nunca sentir pânico, isso me acompanha desde o dia da enchente. Não sei exatamente porque motivo, e tenho certeza que antes não era assim. Crescido, vivido, comecei a me ver diferente, vaidoso de não chorar, de não ter medo, certo que isso me fazia superior aos outros, pobres insetos assustados de todo os dias. (Crê agora que, no fundo, invejava-os.) Quando todos os dias acordava sem sentir medo do dia, fantasiava situações de horror extremo, onde me punha assustado como um rato encurralado, planejava oportunidades de perigo, medo e ameaça, chegava a imaginar que devia ser inebriante, achar prazer no terror, seria gostoso o pânico. Só porque não sentia, a falta buscava o medo. Uma vez: Uma única vez consegui experimentar o que me falta, o que buscava, e aí também as águas me indicaram o caminho.

A noite da enchente foi uma das piores noites da minha vida. Rolando no chão, de olhos grudados na janela deformada pelas gotas grossas, antecipando cada relâmpago, eu assim pensava, sem nem desconfiar que aquela seria a primeira de uma série de noites terríveis, que nunca mais poderia esquecer, tão aterrorizantes que eu lembraria da primeira, a noite da enchente, com quase saudade. No começo foi um silêncio profundo, lembro que acordei sem saber exatamente porquê, só depois senti a falta absoluta de ruídos. O que nossos ouvidos urbanos conhecem como silêncio em nada se compara com a parada quietude antes da tempestade, quando tudo de repente se cala, quando grilos, sapos, besouros, pássaros, morcegos, toda a orquestra do mato se recolhe. O que dizem: há eletricidade no ar: acontece nesse momento. Dá para sentir uma carga, um peso, uma opressão, o ar pesado entrando pelas narinas quase sibilando, ameaçando um ruído, que quebrará o silêncio, interdito, a gente deve respirar devagar, cauteloso. Pois foi esse silêncio que me acordou. E o temporal chegou no momento em que a carga parecia mais opressiva; raios e trovões no começo, muito fortes, as luzes azuis me cegavam, os rancos me ensurdeciam, estourando frente à janela, pensei que tudo aquilo serviria para aliviar a tensão, e fiquei à espera do alívio, que não veio. Em seguida a água começou a cair, não posso chamar aquilo de chuva, não eram gotas, como em todas as tempestades. Caía de vez, sobre o telhado meio solto, fazendo as telhas de barro balançarem na armação de madeira; não se podia perceber qualquer ritmo nas quedas daquela água, inútil tentar esperar, às vezes em rápida seqüência, outras vezes espaçada, irritante. A vontade era gritar, sair correndo porta fora. Talvez nem gritar, mas fazer qualquer coisa, qualquer ação que promettesse quebrar o ar coagulado à minha volta. É, esta é a impressão mais forte que guardo daqueles instantes: o ar estava coagulado. Creio que era isso que me paralisava, que me impedia de gritar, correr, qualquer coisa que me permitisse enfrentar o medo, não conseguia sequer respirar fundo o suficiente para dar o grito, é tão difícil respirar no coágulo.

Ainda não estava com medo, que chegaria logo depois. Também, acostumado a uma vida muito dura, trabalhando madrugadas a fio, serões seguidos, sozinho com Deus, para me assustar tinha que ser, algo muito, mas muito estranho mesmo. E essa coisa havia de ser aterrorizante em si mesma, não apenas por representar ameaça para mim, porque na minha idade, com a vida que tive, que perigo mais poderia me fazer tremer? Mas tremi. Ainda procurava o diferente na noite chuvosa quando percebi que o meu pé parava de doer. Isso acontecia somente com muita ocupação ou muita preocupação, contrariedades, geralmente com meus filhos. Agora todos estão criados. E ali, nem uma coisa nem outra, nem ocupação demais nem contrariedade insuportável. Só aquela opressão no peito. Será que estou com medo? Há anos isso não acontecia, desde quando eu receava ladrões e assombrações, depois vi dessas coisas e muito mais, vi fome, doença, loucura e morte, e deixara de temer, agora já nem lembrava quais os meus sinais de medo, nem sabia como me reconheceria numa situação de pavor. (Suando frio? Joelhos se dobrando com as pernas fracas? Paralizado? Choramingando? Ou gritaria a mais não poder?) Agora não precisava mais tentar lembrar porque já estava francamente amedrontado, era só me ver. Me encostei na janela molhada, o vidro frio me ajudou a tremer. Tinha certeza que algo terrível estava para acontecer, só não sabia o que era. Sempre me gabara dos meus pressentimentos, que diziam respeito aos outros, tragédias, mortes, doenças e defloramentos, certa vez até uma enchente, e agora aquele, comigo ou com um dos meus filhos.

(Não podem imaginar o que foram as suas noites depois desse dia. Frequentemente ficava acordado até os fins das madrugadas, aproveitando o pouco tempo que se sabia invulnerável para dormir um pouco, muito pouco, e aí sonhar silenciosamente, conformado com a sua morte, sem ter para onde escapar, com ele e as suas mortes. Às vezes, tarde da noite, chegava a ir ao escritório, olhar pela vidraça o lugar onde o vira pela última vez. Nunca mais o havia encontrado, nem na rua nem no trabalho nem dentro de casa; deixou de achar aventuras nos lugares escuros e isolados.) Na décima quinta noite (contava religiosamente) a partir do meu encontro com aquele senhor tive uma crise de medo que fez perigar toda a força acumulada em duas semanas de preparação. Mas houve um motivo. Era justamente o começo de uma nova fase, quando já estava convencido que tudo não passava de fantasia da minha loucura, não havia motivo para temer, que pena. Exausto pelos serões forçados, pensei que poderia dormir à hora do hábito antigo, sem que depois me arrependesse. (Adormeceu imediatamente e ressonou até às duas horas da manhã.) Acordei assustado, endurecido, com a sensação de que alguém tinha me sacudido, sentia frio. Fora chovia forte.

Um relâmpago mais forte fez a luz do passeio apagar com estrondo. Foi um pequeno susto, imaginei que o sistema elétrico da casa havia sofrido um curto-circuito, um quase pânico notar a falta da última proteção da ciência dos homens. Dali por diante estaria só, eu e meus cuidados, eu e meus caminhos. Como todos os meus pares, desde a infância era um viciado, um dependente das mil e uma porcarias que chamam de conforto, dos elétricos aos enlatados, dos descartáveis aos transistorizados. Agora estava só, desprotegido, vulnerável, e não sabia como viver, parado, sem energia, sem energia elétrica. Senti ali a força da ironia, imóvel por falta de energia elétrica, aterrorizado por excesso de eletricidade no ar coalhado. Sabia que era uma situação absurda, tinha uma clara consciência do non-sense, mas não podia achar a menor graça. O riso ensaiado era falso, nervoso, quase desesperado. Devagar, bem devagar, comecei a perceber um zumbido surdo, que parecia crescer de intensidade. De novo pânico, que nova ameaça seria aquela? Respirei fundo, tentando me acalmar, querendo descobrir a origem do estranho zumbido, apurei os ouvidos, abri mais os olhos na escuridão. Primeiro, um pouco mais aliviado, descobri que o ruído não aumentava, eu simplesmente começara a escutar gradualmente um som que sempre estivera ali. Depois, uma enorme alegria, fantasticamente grande e quente, porém calma, sem gargalhadas, me invadiu como um faísca, partida do estalo (foi realmente um estalo) que reconheceu o barulho do ventilador novo, rodando suas pás vermelhas, feitas de plástico, sintético, humano. Não, não estava mais desprotegido, vulnerável, solitário contra a natureza em revolta, não. À minha disposição, tinha todo o arsenal da civilização moderna. Se o quisesse, poderia acabar com a escuridão, da noite e da tempestade, com um simples apertar de botão (agora o via na parede, brilhando fosforescente); o ar não mais estava coagulado, havia um potente aparelho elétrico agitando-o, fazendo-o circular; não mais isolado, vanguarda solitária enfrentando a natureza, bastava estender o braço para a cômoda e ligar o rádio para ouvir vozes, vozes, vozes formosas a me conduzir. Em questão de segundos, tornei-me poderoso, de novo senhor da natureza, invulnerável.

A sala estava um pouco mudada. Eu não conseguia distinguir exatamente o que os meus olhos, muito abertos, enevoados, deviam ter dormido, tentavam enxergar. A mão ainda tocava na poeira fina e quente; tenho certeza que se prendesse a respiração, o tempo suficiente para sufocar um pouco o ar se tornaria algo viscoso, coagulado, grosso, líquido, vermelho escuro. Olhei para o tapete onde os dedos imóveis gelavam, mesmo com a escuridão, vi a cor de sangue. No alto, no ângulo da parede, uma mancha escura escorria, mostrando a infiltração da chuva forte, lá fora o temporal, atravessava as janelas fechadas pelas frestas. A cortina movia um ritmo de vento. Ondas e ondas, para lá e para cá, às vezes abrindo um pouco, deixando passar as luzes de fora, acesas por segundos, relâmpagos. E as luzes fazem sombras feias. Porém quando os anões, pequenos e diformes, abrem os braços nas janelas da sala, as sombras projetadas os deixam amáveis e visíveis, acessos por segundos.

Naquela noite, as luzes tiravam raios amarelos, concêntricos, parecendo uma estrela, como faziam sempre. O pé doía muito, como sempre. Os papéis me oprimiam, como sempre cruéis. O cansaço e o sono também cumpriam a sua parte no cerco, também como das outras vezes. E, ainda assim, tinha absoluta certeza que algo estava diferente. Por mais que me esforçasse não conseguia descobrir, examinava coisa cada vez, talvez, quem sabe, comparando com as outras noites. O barulho da chuva, forte, zumbido, como sempre.

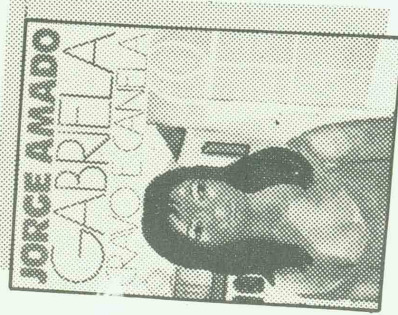
Em segundos tornei-me poderoso, de novo senhor da natureza, invulnerável, nada poderia me atingir. Que a tempestade se agitasse lá fora, bem que ela se esforçava. Condescendente, virei as costas para a janela e relaxei para dormir, fechei os olhos, dois suspiros fundos de satisfação, quase sorridente... Um clarão mais forte atravessou as minhas pálpebras fechadas, vermelho intenso queimando as retinas, pareceu uma explosão silenciosa à frente do meu nariz. Abri os olhos de novo assustado. Aflito, imediatamente busquei o zumbido calmante do ventilador. Só pude escutar o ruído das pás vermelhas, de plástico sintético, girando lentamente, cada vez mais devagar, agonizando, volta após volta, até parar completamente. Depois, um silêncio ainda mais profundo que antes. Agora sim, perdido.

Naomar de Almeida Filho nasceu em Buerarema, Bahia. Médico especialista em psiquiatria, publicou História de Objetos e Ernesto Cão (contos).



O FRUTO DE ILHÉUS MAIS AMADO NO MUNDO.

30 anos do romance Gabriela Cravo e Canela.



Contradizendo a própria vida, alguns romances são eternos. Gabriela, Jorge Amado, e Ilhéus. Um triângulo que transcende as fronteiras e encanta o mundo há 30 anos. A homenagem do povo de Ilhéus ao escritor e ao romance que eternizaram a história e a cultura ilheenses.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE ILHÉUS

ILHÉUS

GOVERNO POPULAR

JABES RIBEIRO

DER GOTT

azul celeste: a santidade?

a weimar arrependida
de corações
à beira do caos cristão

padres e bruxas
hipnotizam.
agarro-me
a quilômetros de profecias
(discussões frouxas,
lolas-lolas aveludadas:
um homem-nazista
queima-se de amor)

interessa-me josef von sternberg,
brigitte helm, richard wagner, tonio kroeger
a filosofia da negatividade.

digo: o que é verdadeiro
não passa de artifício

a queda.
colocações herméticas,
literatura judia e sexo condenado,
sessões de cinema panfletário —
o modernismo
é um cancer bucólico

deus-satã
come-se

torres góticas, guerras de intenções dúbias.
esperança é um monstro de olhos fuscas
o vômito maduro,
poetas mutilados —
holocausto é a palavra certa?

FERROVILA

É ferro
na vila

Os esgotos da imagem, ó cidade!
olhar com olho paupérrimo
e aí permanecer:
a realidade é adicta

da fotografia
radiografia
ou da poesia?

Olhar, construir o modo de morrer
narrar como se fosse importante
o homem que come dorme trepa
contém os limites do estômago
camuflados nos pratos
completos de ratos

Que fome poderá supri-lá?
ruas da minha terra têm veias de merda
homens de minha terra comem a mente
outros comem a metáfora
a consciência faz parte do cotidiano

Homens de minha terra podam os braços
pernas cabeças e se mudam em pássaros
vivem das penas da leveza do vazio
do que desaparece em frente

Outros vivem do horizonte
sustentam seus corpos nas vias
acumulam o aço: passam rapidamente
de homens a carrascos,
têm tanques e balas nos dentes
a linguagem engrena seus passos
(Vila presta-se à poesia?
encaixam-se palavras nas coisas
fingimento ou invenção?
Vila tem uma ferrovia)

PLÍNIO DE AGUIAR

É ferro
na vila

toda uma teoria de valores
cravada nos dormentes

Homens da vila repletam os ônibus,
o poema deixa de ser universal
passa a ser um mal de circunstância
permite a contradição entre adições
esgotos perfuram a superfície do real

e sem querer se rima
e sem querer se vê
metáforas, intendências
poemas em pânico:
exala suor
contraponto de flor
do pé o chulé
penetra no regaço romântico

Há uma imensa transpiração de coisas
uma grande tradição de nariz torcido

Homens da vila são sábios
ganham salários e filhos
e sonham pesadelos de bocas
algumas vezes sabem que poesia é insuficiente

que existem escombros em dicionários
muito parecidos com favelas
casa de taipa em solos sem sementes
latifúndios que são curiosos tratados
de semântica e arte européia

(trilhos ignoram:

locomotivas passam
blindadas)

Torturam-se homens da vila
que costumam olhar o trem
seus passageiros fardados
às vezes encapuçados
e pensam sem pernas cabeças braços
qual a magia das cifras
mapas parece suspeitos
para guiarem projetos tão blindados
por túneis, caminhos tão estreitos de
cascalhos
cactos, estômagos alucinados, palácios
armazéns superlotados?

Torturam-se homens da vila
às margens da ferrovia.
Depois regressam às suas barafundas e voltam a
pensar sem pernas cabeças braços:
que história é esta que censura a resposta
bate nas costas peitos
de famulentos lenhados?
Que mistério da gota
oculta a minoria da
ferrovila?

REQUERIMENTO DE NOEL

Eu te darei tudo que quiseses
mas quero um povo de noéis
santa claus sem clausura
na brancura dos caminhos

O anel de brilhantes azuis
e um cachorro-quente trazido do céu
em pacote no trenó perto da estrela,
dar-te-ei.

A farda de cadarços dourado
e o pônei alazão, crinas ao chão,
arreios de prata e chocolate,
dar-te-ei.

Pinheiro, estrela e pastores
de cristal e metal e sangue
de renas coloridas,
dar-te-ei.

Expulsei a feia palavra mangedoura
e permaneci velho e sozinho
barbas ao vento
neve na promessa de voz.

As lendas têm costelas de sonho
ou meninos de cabelos verdes,
eu não.

Pois te darei tudo que quiseses
mas quero um povo de noéis
santa claus sem clausura
na brancura dos caminhos.

APESAR

Lá ficaram os amados pais
e os vindouros irmãos
Parte de mim foi que ficou
o resto trago mal podendo
e venho vergado, lasso venha

Cantem fora, já não ouço
perdida é a certeza de que outrora ouvi
Mal grado engordo
Saúde me invade à revelia
E como e bebo e defeco.

Nada senão pássaro empalhado
mas sangue, vísceras e vida?
Sou um que existe apesar
Apesar da morte
com medo dela, existo.

Animal de fala e gravata
Faço a barba como quem morre
Entanto depois saio às ruas
E Praguejo, flerto e sabujo
como o maior namorado da vida.

*Fernando Leite Mendes nasceu em 1932.
Jornalista, cronista, professor. Faleceu em 1980,
no Rio de Janeiro.*

O SENTINELA

Esta é a história do rosto de Anita, de como ele se recobriu para sempre de uma expressão tristonha. Não era assim ao tempo em que ela vivia em Estância. O rio passava no fundo do quintal, ruidoso sobre as pedras do Sequeiro, Anita tinha dezessete anos. Gorducha de corpo, de rosto e de mãos, dois olhos redondos pareciam riscados sobre o nariz chato, o que lhe dava um ar engraçado.

Também seus movimentos pareciam cheios de alegria, surpreendentemente ágeis na figura baixota.

A casa vivia sempre fechada. O pai saía de manhã para o armazém, batia a porta da rua que se abria novamente apenas para deixá-lo entrar à hora do almoço e da janta. A mãe vivia do quarto para a cozinha, evitava a sala e suas janelas que davam para a rua. Todo mundo sabia que o marido "botara casa" para uma rapariga vinda de Aracaju, ela era uma mulher desprezada, trancada naquela casa com sua vergonha e sua humilhação. Quando o marido passou a responder com pancadas e gritos aos seus rogos magoados ela deixou de ir à missa das seis aos domingos e não mais se mostrou a ninguém, como o animal doente que deixa o rebanho para morrer sozinho no mato. A casa onde o sol não penetrava ganhou um cheiro de coisa mofada, de moradia esquecida, o mesmo jeito que a mulher tinha: deixara de lutar, apenas resistia em silêncio. E o silêncio da casa também parecia cheio de mofo, pesado.

Anita era sua companheira, mas nos últimos tempos nem reparava muito nela, ensimesmada naquele silêncio que comandava a lentidão dos seus gestos tardos nos afazeres da cozinha. Quando o marido chegava para jantar ela se recolhia ao quarto. Anita era quem servia à mesa. Mas se ele estava bêbado, o que não era raro, erguia-se durante a refeição, abria a porta da camarinha sem janelas, sem uma palavra apontava a cadeira do outro lado da mesa. A mulher obedecia, em silêncio. Ele voltava a comer, seu corpo grande dominava com ruído o ambiente, os braços grossos e peludos se moviam com energia. Os olhinhos estreitos e vivos evitavam a mulher. Mas eram irresistivelmente atraídos para ela e pareciam não poder suportar-lhe o ar de mártir, aquela expressão de sofrimento sem remédio causava no marido uma irritação que aumentava a cada instante. Ela o sentia e, de repente,

tentava levantar-se, voltar ao quarto. Do outro lado da mesa ele se erguia bruscamente, caminhava até ela, cedia ao impulso incontrolável e, engolando insultos com a boca cheia, punha-se a bater-lhe. Anita vinha correndo da cozinha, segurava-lhe os braços até que a mãe, aos recuos, caía de joelhos diante do nicho no fundo da sala. O pai desvencilhava-se com um safanão e saía batendo a porta.

Embora tomando o partido da mãe, Anita se sentia atraída pelo pai, apesar de condenar-lhe o procedimento. Ele era uma criatura estranha àquele ambiente de penumbra e de silêncio, de submissão ao sofrimento e ao pranto.

Grandalhão, ruidoso, mesmo quando queria se mostrar manso sua voz era poderosa e penetrante. Para Anita ele era também uma criatura de mistério cheia de uma fascínio terrível: ela sabia onde era a rua da "sujeita", a casa pintada de verde-garrafa com janelas azuis, na ponta da cidadezinha. Quando ia à feira, aos sábados, fazia um rodeio para não passar por ali.

Anita temia o pai mas era-lhe impossível não se sentir atraída por aquela vitalidade esfuziante, aquele rosto largo como o seu, tinto de sol, violento como a voz e os punhos.

Tinha amor pela mãe mas era um sentimento superado pela piedade que antes a afastava dela. Todas as oportunidades para escapar da casa ela as aproveitava sem vacilações. Era uma alegria sentir na pele das costas o sol da tarde à beira do rio, lavando roupa lado a lado com as outras moças da rua, filhas das vizinhas. Contavam histórias, repetiam-se os mexericos, havia um momento em que as mulheres se distraíam e as moças falavam dos rapazes do comércio e riam nervosamente levando à boca a mão coberta de espuma. Os olhos redondos de Anita faiscavam, aquilo também era mistério, novo e bom. De manhãzinha quase corria pela rua, banhada de um sol leve, até à padaria da esquina. Ficava segurando o pão ainda quente mas seus olhos se baixavam, pela primeira vez cheios de timidez, quando o caixeiro a fitava. E a alegria lhe borbulhava no corpo inteiro. À noite, quando a mãe se trancava no quarto e o pai havia saído, ela se levantava sem ruído, ia até a cozinha, abria a porta do quintal, ficava espiando o mistério do rio correndo no escuro sobre as pedras do sequeiro, a neblina leitosa se espalhando pelo pasto molhado do estábulo da outra margem, ouvindo aquele silêncio feito das múltiplas vozes da noite. E de repente ele vinha, um vulto esquivo saído da touceira alta do capim, entrevisto junto ao tronco da mangueira, duas

mãos puxavam-na para fora, para fazer dela coisa ou ser daquela escuridão azul molhada de orvalho. Resistia, grudava-se à porta da cozinha mas saboreava cada toque das mãos ávidas, o calor da respiração agitada subia-lhe pelo pescoço ericando-lhe os pêlos dos braços, buscando-lhe a boca, tentando derrubá-la sobre a grama. Terminava por libertar-se, de repente assustada, mas ficava longo tempo sem dormir, os olhos redondos fitos nas telhas, sem ver.

Às vezes Anita sentia que sua mãe a buscava na sua maneira muda de pedir como se tivesse sempre lágrimas nos olhos. E sentia raiva de si mesma, daquela vontade de afastar-se da mulher envelhecida no sofrimento. Muitas vezes ficava ao lado dela, penteava-lhe os cabelos longos e finos, acariciava o rosto tombado em seu colo. Mas erguia-se bruscamente, num gesto parecido aos do pai, quando sentia que uma lágrima lhe molhava a mão gorducha. Então sentia temores, julgava-se má.

Um dia bateram à porta. Era perto de seu aniversário e ela contava receber o presente que o caixeiro da padaria anunciara uma semana antes. Era o vizinho, comerciante como seu pai. Anita apontou a cozinha quando ele perguntou por sua mãe, ouviu boquiaberta a notícia de que o pai se mudara para Largato, levando a outra mulher. Não atinou de momento com a significação exata do fato nem lhe ocorreram as conseqüências que dele adviriam. Cerrou a porta atrás da figura do homem, sem ouvir-lhe as declarações de préstimos. Da porta da cozinha contemplou a mãe, de pé ao lado do fogão, mexendo com gesto maquinal a panela do cozido. Mas naquela tarde não foi enxaguar a roupa que deixara na véspera coarando no capim da beira do rio. Deitou-se no mesmo quarto da mãe, na parte da cama deixada vazia pelo pai. Estava cansada, cheia de uma fadiga que nunca sentira, dormiu um sono profundo que foi bruscamente cortado pelos gritos terríveis.

Acordou sobressaltada, aquele rugido selvagem fê-la correr para a sala em busca da proteção da mãe. E entreparou de golpe à entrada da cozinha, seus olhos redondos cheios de terror: do chão coberto de toscos ladrilhos de barro uma chama se erguia furiosa, lambia o piso de um lado para o outro, numa dança desatinada, dela vinham aqueles gritos terríveis. Anita procurou benzer-se mas seus braços tinham perdidos os movimentos. A assombração, porém,

sem fazer caso dela, disparou pela porta do quintal, o vento fresco da noite aticou o fogareú, a labareda se alteou, precipitou-se para as águas invisíveis do rio e mergulhou nelas. Mas deixou na grama da margem o que restava do corpo da mãe.

Não havia na cidade um asilo de alienados, padre João trancou Anita na sala dos fundos da igreja, os gritos da moça, incessantes, encheram por vários dias a praça da Matriz. Quando ela se acalmou o padre providenciou a viagem para a Bahia. Escreveu à Madre Superiora do Convento da Lapa, em Salvador, explicando-lhe a situação do total desamparo da moça. Elogiava-lhe as qualidades, "tão ajuizada nem parecia ter dezessete anos".

As janelas eram altas, inacessíveis, aberturas quadradas nos muros de quase um metro de espessura. Negras barras de ferro, entrecruzadas, mantinham distante o mundo lá fora, deixavam ver apenas um pedaço do céu.

Anita despertava sempre um pouco antes da voz suave do pequeno sino da capela. Um silêncio profundo, imposto pelo escuro e pelas paredes pesadas, dominava o convento.

No dormitório estreito e comprido, as duas fileiras de camas pareciam vazias dos corpos das noviças. A barra do dia rasgava o primeiro clarão no céu e Anita, imóvel em sua cama, saboreava aquele nascimento da luz, lento e certo, silencioso e tranquilo. Seu olhar se voltava para o dormitório tão fracamente iluminado na antemã que deixava entrever apenas a alvura dos mosquiteiros de filó envolvendo os leitos das noviças, como neblina sobre o rio. Finalmente o sino se fazia ouvir, logo a freira surgia à porta e o seu dia começava.

Era de paz, de incrível paz depois de tudo o que vivera. Do instante em que pronunciava, ajoelhada ao lado da cama, as palavras da prece até quando o sono a tomava após o sinal de silêncio, seu dia era de tranquilidade. A princípio aquele ambiente de calma, sem a menor violência, por que tanto ansiara no mais íntimo do ser, parecia-lhe quase absurdo. Receava continuamente que algo surgisse de repente para quebrar aquela tranquilidade.

Buscava com todas as suas forças cumprir à risca os ensinamentos, realizar cuidadosa e atentamente seus deveres para que a conservassem ali. Passaram noites e noites acordada, quando a irmã responsável pelo dormitório considerara a necessidade de removê-la para uma cela individual, pois seus pesadelos interferiam com

o sono das outras noviças. Várias vezes despertara com o ruído de seus próprios gritos, para ver o rosto macerado da freira debruçada sobre ela, impondo-lhe silêncio.

Concentrava-se nas tarefas tão inabituais com todo o empenho, disputando com ânsia que buscava esconder um lugar naquela casa de calma e de silêncio. E completou seu aprendizado da impessoalidade. Seu rosto rechonchudo perdeu, com a falta de sol, o rosado das faces, os cabelos crespos. Anita aprendeu a penteá-los lisamente, presos num coque que a touca de noviça escondia. O uniforme simples, sem enfeites, liso como um camisolão de menino, repetia sua figura nas duas dezenas de outras noviças. Com elas, numa fieira de sapatos pretos e rosário de contas de vidro, tomava pelos longos corredores revestido a meio de velhos azulejos azuis, na mesma ordem inabalável penetrava na capela para as horas de missa e meditação, ou na sala de costura, para os trabalhos de confecção de roupas para os pobres, na cozinha. Docilmente habituara-se a ter a cabeça baixa, os olhos voltados para o chão, a voz, se falar devia, baixa e mansa, os gestos lentos, determinados de antemão, breves e poucos. Toda ela se envolvia naquele recolhimento, contente de ali somente se poder exhibir a renúncia, a total abdicação às coisas do mundo, que temia.

Os olhos eram para não ver, o corpo para não sentir, breve chama votiva o coração, sem brisa que de repente a fizesse agitar-se e fremir.

À noite, no dormitório comprido, deixava-se ficar acordada depois do sinal de silêncio. As camas das outras noviças desapareciam na escuridão, uma luz débil descia num foco difuso das janelas altas. Anita erguia os olhos, além dos pesados barrotes que se cruzavam no vão rasgado do muro espesso, advinhava apenas o aguçado branco das estrelas. A noite chegava até ela, tranquila noite de verão quando o céu parece mais calmo e mais próximo. Um sono sem sonhos tomava seu corpo.

Um grupo de noviças deveria, em breve, prestar seu voto perpétuo. Anita estava entre elas, fora escolhida pelo dom que revelara, desde o início de sua vida no convento, de alcançar o estado de graça sem necessidade de orações. Ajoelhada no chão frio da capela, a cabeça curvada sobre o peito, as mãos unidas, seus sentidos pareciam turbar-se rapidamente, o cheiro de incenso e as vozes do coro tornavam-se distantes, na meia-luz da nave alta as figuras dos altares se misturavam. Anita sentia que suas pernas

iam ceder mas de repente tomava conhecimento de um silêncio como nunca sentira, o êxtase fazia-a leve, erguia-a no ar, seus dedos perdiam as contas do rosário e ela ficava assim, longamente, longe de tudo, no rosto um ar beatífico de suprema paz. A Madre Superiora considerava aquela noviça uma criatura predestinada.

Uma leve agitação percorreu naqueles dias o convento, as candidatas ao voto perpétuo sentiam-no nos deveres especiais que cumpriam e que as diferenciavam já das outras noviças, nos olhares que estas lhes lançavam, sabendo-as preferidas, senhoras da sorte de logo estarem confirmadas no serviço de Deus. Em todo o convento, que de hábito se movia naqueles passos macios, com destino certo, nos gestos de prece e de trabalho, onde nada acontecia sem ter sido previsto, sem que fosse repetição exata do dia anterior — andava agora um ligeiro ar de preparativo de festa, um brilho novo podia ser surpreendido às vezes no olhar mortiço das freiras. Aquele grupo de seis noviças deslocou de repente para si o eixo do movimento uniforme da comunidade, o grande dia do convento iria ser revivido em breve, no ritual que consagraria definitivamente a Deus os seres já maduros para seu serviço, reinados na compunção e na impessoalidade do claustro.

Anita sentiu, como as outras, que seu coração se animava.

A novidade das práticas preparatórias, mesmo as de martírio, de mortificações do corpo, lhe eram agradáveis, por novas. Um dia, no ensaio do coro, a Madre Superiora que supervisionava pessoalmente os serviços encarou-a, fazendo-a confundir-se, ao notar seu inusitado entusiasmo. Mas a freira sorriu-lhe benevolente, ante aquele sinal para ela seguro de que as jovens se alegravam à aproximação do grande dia.

Aquele dia foi para Anita o mais estranho de sua vida. Jejuara durante a véspera, dedicara a noite à meditação, deitada em sua cama num dos extremos do dormitório das noviças, que ocupava pela última vez, pois no dia seguinte passaria a uma cela individual, na outra ala do convento que dava para um quartel. Desde que se levantou e vestiu o uniforme engomado caprichosamente, e formou, longe das outras noviças, com o pequeno grupo das que iam fazer seu juramento, ela se sentiu só. Ao seguir, cabisbaixa, orando alto no mesmo cantochão das demais, sua voz lhe parecia vir de longe. Uma leve tonteira tomou-a, fazendo-a vacilar, quando atravessou o átrio, cantando o hino especial

do dia. Mas logo que se ajoelhou na capela o cheiro do incenso e as vozes suaves do coro transportam-na àquele estado de graça em que tudo se dissolvia à sua frente.

No transe conhecido mas que estranhamente não tinha o encantamento das outras vezes, cumpriu todo o longo rito medieval que ensaiara exaustivamente. Quando as sombras se espalharam pelo pátio e ela, já em seu novo hábito negro, se encaminhava para sua cela, dançava-lhe ante os olhos aquele brilho das luzes vermelhas dos círios, o vozear musical no bojo da capela, a riqueza dos trajes sacerdotais, vago murmúrio de confessional, palavras recitadas em latim, mãos muitas mãos postas contra o peito, e os passos lentos, cadenciados, de procissão.

A pequena cela individual foi o complemento do seu dia, de um transe que continuava ainda. Uma cama simples, como no dormitório das noviças, um armário tosco, a pequena mesa com a moringa. Se ficasse de pé com os braços estendidos, na posição habitual do exercício de mortificação, poderia quase tocar as paredes que fechavam a pequena cela. No alto da parede dos fundos a mesma janela, abertura quebrada no muro espesso, na qual grossas barras de ferro se cruzavam.

Anita percorreu com os olhos a sua cela. Agora estava sozinha, aquela seria a sua morada para todo o sempre. Assim o ouvira, dias antes, da boca da Madre Superiora, assim o jurara aos pés do altar. A porta do convento, de pesada madeira, jamais se abriria para a freira em clausura perpétua. Anita, a moça ferida da tragédia do mundo, trocara definitivamente seu nome pelo de irmã Maria da Conceição, serva de Deus. Seu corpo, que o hábito negro escondia, somente cruzaria a rua depois de morto.

Durante todo o seu longo noviciado ela aguardara com um ansiedade difícil de conter aquele momento de sua confirmação. Imaginara aquela cela de freira em todo os seus detalhes. A pequena mesa com a moringa, o armário de madeira sem polimento eram, nas conversas das noviças, os selos do casamento com Deus, símbolos palpáveis da renúncia definitiva à vida além das paredes largas do convento. Sua primeira noite de freira ela a sonhara como a garantia de paz para alma.

Após a agitação interior que lhe provocara aquele dia, a cela tranquila não lhe trouxe o repouso. Algo a perturbava. Estava só, buscou com a vista as fileiras de

camas das noviças, pela primeira vez desde que chegara ao convento não as via. De repente tomou consciência desse fato, a mão correu para o crucifixo de prata que trazia ao peito e seus dedos tocaram o metal, sentiram-lhe o frio.

Anita apagou a vela, deitou-se. Também a cama era estranha, no colchão de capim novo, a palha seca estalejava sob seu corpo. Seus olhos voltaram-se para a janela, no alto, atrás da cama. O céu estava claro, devia haver uma lua andando nele. Mas sua luz não entrava na cela, a porta fechada parecia negra como as paredes que, na escuridão, nasciam de cada lado da cama. Anita ficou imóvel, receosa de que se estendesse os braços tocaria os muros da cela. Seus sentidos estavam inteiramente despertos de repente, apesar do cansaço que sentia tomar-lhe o corpo. E atentos àquele silêncio que a fazia bruscamente mais sozinha ainda, como somente se sentira nas noites de seu quartinho na casa perdida no tempo, quando ficava sem poder dormir, esperando que os passos de seu pai viessem pela madrugada, acordando a pedras da rua e a porta rangesse nos gonzos atestando que ele chegara.

É um rumor de passos que efetivamente lhe chega agora. Vem da rua lá embaixo, penetra debilmente pela janela sem vidros, cai no escuro da cela. Anita estremece, não quer ouvi-los. Sabe que não são os mesmos. Reage contra o medo que tenta apoderar-se dela, ali há um quartel, são os passos de um soldado, sem dúvida. Agora aproximam-se, pesados, tão diferentes do andar macio das irmãs! Anita não quer ouvi-los mas é impossível evitá-lo: aproximam-se sempre mais em sua cadência medida, quase sob a janela, parecem soar sobre as tábuas largas do chão da cela, fazendo-as ceder sob seu peso. Anita espera que a porta se abra, mas os passos vão se afastando lentamente, no mesmo ritmo, até quase desaparecer.

Deve ser o sentinela do quartel, pensa, ele faz sua ronda. Agora deve voltar, lá vêm os passos, longe, um vago rumor que corta o silêncio da noite a intervalos que parecem longos. Por que a puseram nesta cela, sozinha, neste lado do edifício, com esta janela que deixa, apesar da espessura da parede e das barras de ferro que a protegem, penetrar os ruídos lá de fora? Por que, no silêncio e na treva, esses passos que não a deixam dormir?

Vêm se aproximando, inexoravelmente, repetem-se mais amiúde, mais fortes. É alguém, lá fora, o sentinela do quartel, uma figura de uniforme com botões de metal, o rapaz da padaria queria sentar praça, está bem perto, soam sob a janela, ali, na escuridão azulada um vulto ao lado do tronco da mangueira, correndo contra o fundo de neblina clara que desce sobre o rio, passos ligeiros se aproximando, furtivamente. Mas vão se afastando, são pesados e fortes, os de seu pai eram também assim mas não tinham firmeza, ele bebia sempre, é o sentinela do

quartel e ninguém mais, os passos do rapaz da padaria eram rápidos e leves sobre a grama do quintal, como os de um ladrão. Agora estão longe, quase desapareceram, se ela limpar o suor da fronte e fechar os olhos poderá dormir seu sono manso de freira.

Mas sabe que vão voltar, é a ronda que ele faz, é o sentinela, sua obrigação é marchar lentamente de uma ponta a outra do quartel. Calça sem dúvida réguas de couro cru como os soldados que ela via na feira, terá pés enormes como os negros carroceiros, e mãos grandes, de dedos fortes, presas a punhos largos e peludos. São passos firmes, duros, iguais, os de seu pai eram trôpegos, chocavam-se no escuro contra as cadeiras da sala, o corpo caía pesadamente sobre a cama. Resmungava coisas que ela não ouvia e se perdiam no ressonar poderoso, ritmado, forte como os passos que agora estão de novo sob a janela, querem transpor a parede, arrebentar as barras de ferro da janela, arrastá-la consigo, puxá-la para a beira do rio, para o capim pirixi lambido pelo rio e o barulho nas pedras do sequeiro, ela resistia mas queria ir, sentia o orvalho nas faces, ar da noite, báfio de respiração tocando-lhe o pescoço, a nuca, procurando a boca e as folhas agudas do capim molhando suas pernas, os pêlos dos braços se eriçando, o mistério da noite revelado de repente como se ela fosse uma de suas coisas, mangueira embalando os ramos à brisa leve, peixes fugindo entre pedras no fundo do rio. Corria para casa, o coração pequenino, não tivesse a mãe despertado...

Junto ao leito simples na cela escura, a freira ajoelha o corpo trêmulo, suas mãos se unem no peito, da boca ressequida saem apressadas as palavras da prece. Sua respiração é opressa, as palavras se atropelam umas às outras, despidas de significado a não ser o da ansia que assim as conforma. E enquanto Anita espera que as paredes da pequena cela tombem sobre ela, sobre a pele macerada de seu rosto rechonchudo se instala aquele toque de infinita tristeza que confirma seu voto perpétuo. Lá fora um sentinela faz sua ronda e uma lua de prata anda no céu.

James Amado nasceu em Ilhéus, Bahia, em 1922. Jornalista, escritor e tradutor, publicou o romance Chamado do Mar. Foi organizador e editor da poesia completa de Gregório de Matos e Guerra.

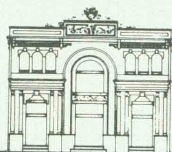
UMA APRESENTAÇÃO

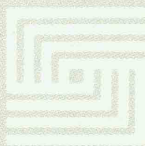
A notícia da restauração do Cine-Teatro Ilhéus, que acaba de ser efetuada, causa-me grande satisfação. Razões sentimentais, razões culturais, tocam minha sensibilidade de ilheense — filho adotivo de Ilhéus, pois nascido em Ferradas, nem por isso menos fiel amante da cidade de São Jorge, onde à infinita beleza da paisagem soma-se a tradição progressista que sempre comandou a vida do grande porto do cacau.

Razões sentimentais: no Cine-Teatro Ilhéus, rapazola em férias, namorei nas matinês românticas, roubei beijos e troquei adolescentes juras de amor, emoções inesquecíveis. Razões culturais: o Cine-Teatro Ilhéus é parte da memória ilheense, da memória grapiúna, do acervo cultural do cacau. Exerceu constante atividade no sentido de educar a população no conhecimento e na estima da criação cinematográfica e teatral. Recordo a ansiedade com que esperávamos a chegada dos navios da Bahiana ou da Costeira, portadores das novidades cinematográficas e, vez por outra, da excitante presença de um artista do palco ou de um grupo de teatro, sem falar nos conferencistas habituais naquele então. Os conferencistas, elitistas e pobres preferiam a sala da Intendência Municipal, talvez por ser mais solene, certamente por ser gratuita.

Está de parabéns o Prefeito Jabes Ribeiro, que vem cumprindo o mandato recebido do povo com evidente e elogiável preocupação de valorizar a cultura, tão necessária quanto o pão e o trabalho. Está de parabéns igualmente a empresa Sergen que realizou a restauração com competência e devotamento.

Jorge Amado



sergen 

Serviços Gerais de Engenharia

MATRIZ

Rua Visconde de Inhaúma, 50 - 4º, 9º, 10º, 11º (parte) andares - Centro
CEP 20092 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (021) 296-6644* - Telex: (21) 21700
CGC (MF) nº 33.161.340/0001-53 - Inscr. Estadual nº 81.212.635

Nasci no erro e desde criança que eu faço as coisas erradas.

(De uma coisa tenho certeza: não nasci pra ser humilhado, cuspidor.)

Nasci no erro e mãe trabalhava dia e noite mas dinheiro que era bom não havia.

(Não vou dizer que matei por amor. Não acredito nisso.)

A minha ida pra rua bem cedo era pra conseguir o que estava faltando lá em casa.

(Não conheço mulher que goste de homem sem dinheiro.)

Na rua prisões foram acontecendo.

(Havia muita fome lá em casa.)

Certa vez procurei emprego e logo descobri que como operário analfabeto eu não ia conseguir dinheiro suficiente pra sustentar os de casa e a mim mesmo.

(Até hoje não sei por que nasci no erro.)

Então botei uma quitanda e aí veio a fiscalização e levou todo meu dinheiro e daí voltei de novo pro erro.

(Que coisa triste é a cadeia.)

Parti para o contrabando ligando-me a uns granfas, ganhei bom dinheiro.

(Tanta mulher por aí...)

Botei os meninos no colégio e fiz uma casa de tijolo pra mulher e tudo ia bem até que apareceu a polícia e acabou com a festa.

(Por que logo a minha?)

Eu já nasci sem nenhum conhecimento pra ter um bom emprego, mas com muito esforço resolvi cair fora do erro e fiquei nessa de ajudante de pedreiro, o ganho mixado, um murro danado e com muita dificuldade ia sustentando a mulher e os meninos.

(E me aparece um perfumado querendo destruir tudo.)

Essa não!

(Matei porque o vagabundo queria tomar a minha mulher.)

Não deixei mesmo!

(Aqui na cadeia só se aprende a odiar e a não acreditar em mais ninguém.)

Mulher dos outros pra mim é homem, fala grosso e usa bigode.

(Também tem tanta gente granfa que mata e é notícia na primeira página do jornal.)

Faria tudo de novo com o maior prazer.

Cacau

PÓRTICO

Cacau. Mas o que é?
Degluto
o prazer de explicá-lo:
em cada fruto o calo
ao pé do podão que o colhe.
No dedo o nó
de somá-lo em más colheitas
o espreita. E desta
feita quem fala é a bolsa
de Nova Iorque mais que o bolso
vazio do pequeno ou grande que o tem,
mas nem sempre o sustém. Nas
transações internacionais,
no Acordo que não vem,
ou ainda no transformá-lo em bala
ou líquido licor - tudo isso pode ser
um duelo de tinta e bala
ao que a notícia cala. E no entanto
à margem da luta degustá-lo é um prazer
sempre insólito, mais lá
do que aqui. Sob a verde
copa e a solidão em que brota,
cacau é isso: raro alimento
que se ingere
de um deus que o fez para si,
pensando em nós.

O TRABALHADOR

Agora (e me desculpo, e cuspo
velho fermento de sangue coagulado
na memória), agora permitam-me
que vos fale outra vez do calo
da mão que o colhe em duelo:
com a vida e os farelos
que junta ao fim da jornada:
do cantar do galo ao pio
abissal da coruja; apresento-vos
sua casa: barro batido e duro
leito de tábuas; na parede o facão
não é sua arma; selas e arreios não são
sua montada; no terreiro,
porcos e galinhas ciscam a vida
juntos com o menino que engatinha.
Mas o dia nem sempre é um fardo:
a jaca madura tem seus bagos
entre um gole de água da grotta,
se o sol é mais claro; canta-se
(ainda) canções de antigos bardos.
(Mas cuidado! Que essas canções falam
de um tempo que a história não conta,
quando,
entre um pássaro e um homem,
a diferença estava
entre o alpiste e a lavra.)

lenda

A FAZENDA

Começemos pela casa: no alto
é alta mesmo na baixa; o telheiro
hierarquiza a mata; ao lado as copas
nivelam o sonho que de tão antigo
se faz bisonho; e se o olhar ponho
sobre o que a vista não alcança,
mil hectares se fazem nada: a terra
é sítio em brasa, e a esperança cava
mais distância. Vejamos de quantas
barcaças se faz um sonho
em cruel poupança: não basta.
Vazio o cochô, o fermento na alma
é sempre febre: mais rápido que lebre
ao olhar que o gasta.

A FRUTA

Não a confundas, à fruta,
com algo que se come
sem que lhe saibas o nome:
o tártaro do dente
trinchará uma pepita
de ouro ou uma vindita,
tanto faz; há que lapidá-la
como se lapida a fala
para melhor sabê-la:
e o sentido que isso faz
é como lâmina que cala
no agri-doce da alma.
E o mel que disso rescala,
mesmo entre o açúcar e a água
ou o que mais lhe acrescentara,
fica na língua soando
música de vento, minuano,
ou sílabas de um outro tempo.

ANTECEDENTES

Quem me trouxe pra tão longe,
quem me deu esse outro nome
de vogais que não se quebram?
Quem me fez música, claro som
diagonal e branco? Quem me pintou,
me fez pauta, subverteu
os ressaltos de meu nome?
Quem retirou as pedras (estiletas)
das sílabas de meu nome?
Quem pôs lá pra que a língua
não se ferisse com o meu nome?

FALA DE QUATZALCAUT

Construirei tantos deuses
que um deles serei.
Teu nome modelarei
na pedra de meu sonho.
Mil estátuas farei
para alcançar-te
onde não me alcanças.
Já amo um deus: esse nome
lavrado nos objetos
que me cercam: e são tantos
que se deles me esqueço,
menos me espanto.
A noite é meu manto.

Telmo Padilha nasceu em Itabuna, Bahia, em 1930. Jornalista e escritor, sua obra poética encontra-se traduzida para vários idiomas, tendo recebido em 1975 o Prêmio Nacional de Poesia do Instituto Nacional do Livro e no ano seguinte o Prêmio Internacional de Poesia San Rocco, Itália.

REGISTRO

Departamento de Pesquisa e Documentação

Em setembro/outubro foram realizadas as seguintes pesquisas: Waldomiro Nascimento, de Cabo Verde, com *O Negro na Ficção Brasileira*, e alunos da Faculdade de Educação, dos colégios Estadual Senhor do Bonfim, Teixeira de Freitas, do 2 de Julho e Anchieta.

NOVEMBRO

Dia 8, às 17 horas, na Fundação Casa de Jorge Amado, palestra do Prof. Luis Henrique Dias Tavares sobre a *Conjuração dos Alfaiates*, tema dos mais fascinantes da História da Bahia, sob o título *Quatro Homens e Uma Força*.

Dia 17, às 17 horas, na Fundação Casa de Jorge Amado, a Professora Conceição Lima realiza palestra sobre *Arte/Educação*, com exibição de um vídeo sobre o tema, referente as diversas atividades existentes nos cursos de 1º e 2º graus.

Dia 17, às 17 horas, na Academia de Letras da Bahia, numa promoção conjunta, sob o título *O Brasil na Consciência Cultural da Rússia*, palestra dos escritores soviéticos Vera Kuteichkova e Lev Osipov.

Dias 24 e 25, a partir das 17 horas, no Museu de Arte da Bahia, numa promoção conjunta da Fundação Casa de Jorge Amado e Aliança Francesa, um dos mais importantes movimentos artísticos deste século, o Surrealismo, será tema para um evento denominado *A Jornada Surrealista*. No primeiro dia, conferência *A Arte dos Loucos*, com José Pierre, doutor em Letras pela Sorbonne e colaborador de André Breton. Lançamento do livro da ed. Brasileira, *Os 22 Arcanos Maiores da Poesia Surrealista*, inauguração de uma exposição sobre *Arte Bruta*, e projeção de *Zero de Condição*, de Jean Vigo. No segundo dia, conferência *Surrealismo e Psicanálise: de Charcot a Lacan*, com Jean Schuster, participante do movimento surrealista, e projeção de *Freaks*, de Tod Browning.

DEZEMBRO

De 5 a 9, das 8h30min às 11h30 min, na Fundação Casa de Jorge Amado, *Oficina de Vivência Grupal e aprendizagem* participativa para administradores culturais, com coordenação de Maria Cristina Mendonça. Promoção conjunta com a Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Dia 7, às 18h30min, lançamento do nº 11 da *Revista da Bahia*. Promoção conjunta com a Empresa Gráfica da Bahia.

Dias 12 e 13, em Ilhéus, comemoração dos 30 anos do romance *Gabriela, Cravo e Canela*, de Jorge Amado, com a seguinte programação:

Dia 12, às 21 horas, no Teatro Municipal, exposição "*Gabriela Além do Romance*"; lançamento do cartaz comemorativo; lançamento da EXU nº 6, edição especial dedicada a região grapiúna.

Dia 13, às 10 horas, inauguração da Casa de Cultura Jorge Amado. E às 16 horas, no Teatro Municipal, Seminário, tendo como 1º tema, *A Influência da obra de Jorge Amado na região cacauzeira*, expositores Jorge Medauar, Margarida Fahel, Francolino Neto e moderador, Ariston Cardoso. Como 2º tema, *A Obra de Jorge Amado e os meios de comunicação de massa*, sendo expositores Nelson Pereira dos Santos, Telmo Padilha, Antonio Albino Rubim, e moderador, Valério de Magalhães.

Este evento é uma promoção da Fundação Casa de Jorge Amado, Prefeitura Municipal de Ilhéus, Fundação Cultural de Ilhéus e Ilhéustur.

Dia 20, a partir das 17 horas, na Fundação Casa de Jorge Amado, lançamento da *Coleção Casa de Palavras*, ensaios sobre cultura baiana, sendo seus três primeiros livros, *A Política do Partido Comunista e a Questão do Realismo em Jorge Amado*, de Nelson Cerqueira; *Cores Vivas*, de Antonio Risério, e *A Influência da Literatura Brasileira nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* — volume I, de Gramiro de Matos.



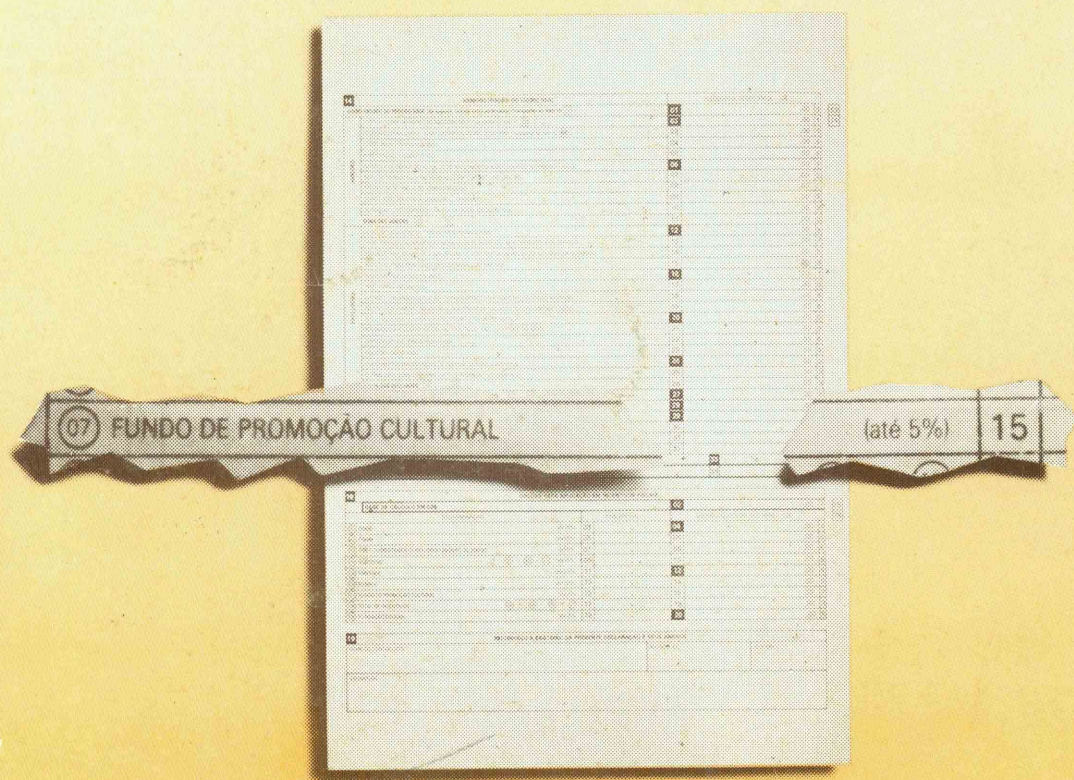
A Fundação Casa de Jorge Amado está aberta ao público, com exposição do acervo documental e artístico do escritor Jorge Amado, de segunda a sexta das 9 às 18 horas.

Caderneta da Caixa

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Esta é a maior, melhor e mais segura caderneta de poupança do País.

Declare-se a favor da cultura.



Destine à cultura 5% do imposto de renda devido da sua empresa.

As empresas que ainda não se beneficiaram da Lei Sarney poderão destinar até 5% do imposto devido ao Fundo de Promoção Cultural do Ministério da Cultura. Para isto, basta preencher o item 07 do Quadro de Opções para Incentivos Fiscais do Formulário I, reservado a Pessoa Jurídica.

Os recursos do Fundo têm a finalidade de apoiar e promover eventos e artistas economicamente menos privilegiados, mas não menos importantes no contexto cultural: casas de cultura, bandas de música, bibliotecas, exposições, folclore, preservação de monumentos, atividades inovadoras e experimentais, enfim, todas as manifestações de natureza artística e cultural carentes de suporte financeiro.

A destinação de 5% do imposto devido ao Fundo de Promoção Cultural não representa qualquer ônus para a sua empresa. É apenas uma opção.

É um ato de vontade a favor da cultura brasileira.

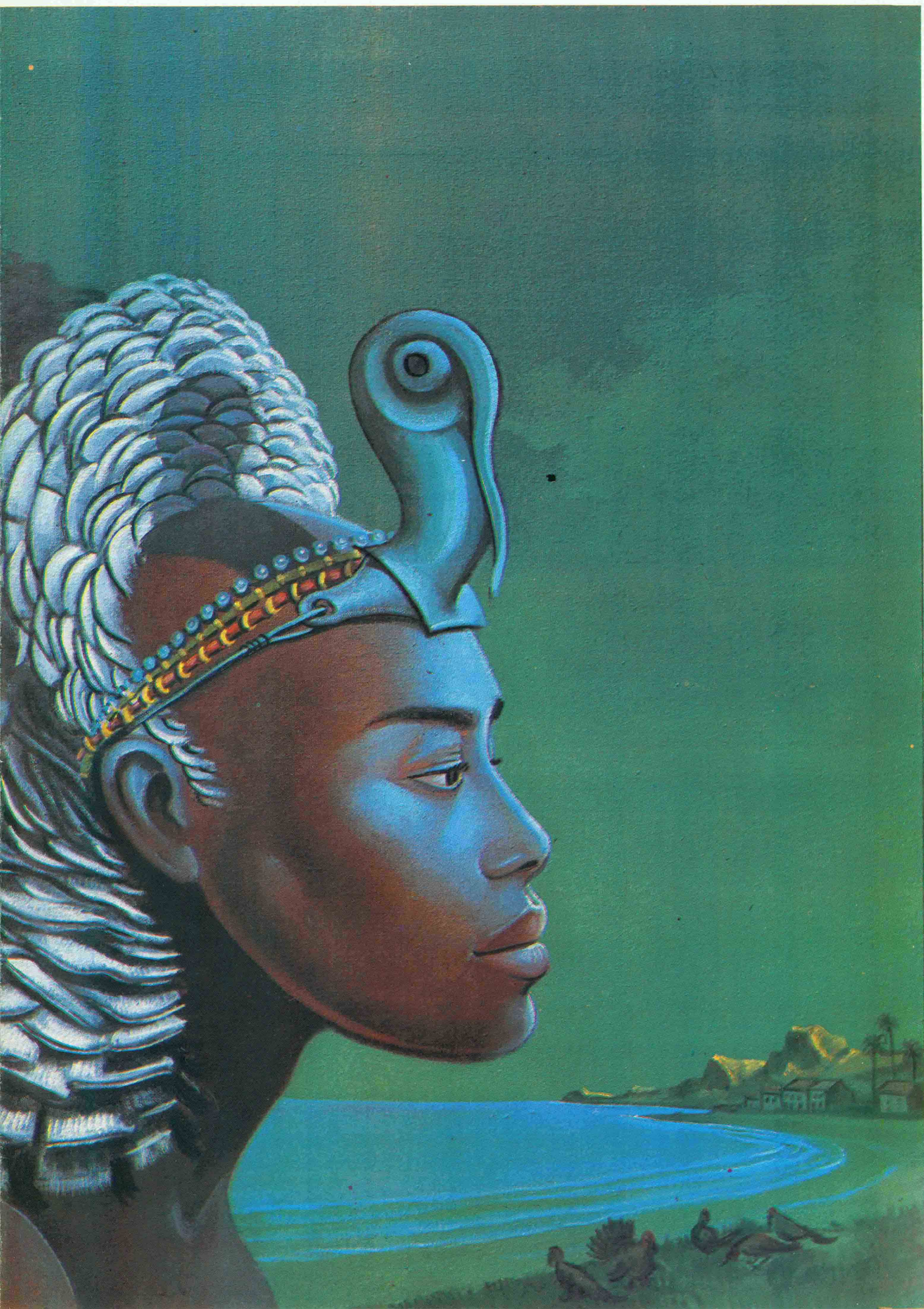
Instituto
de Promoção
Cultural

minC
Ministério da Cultura

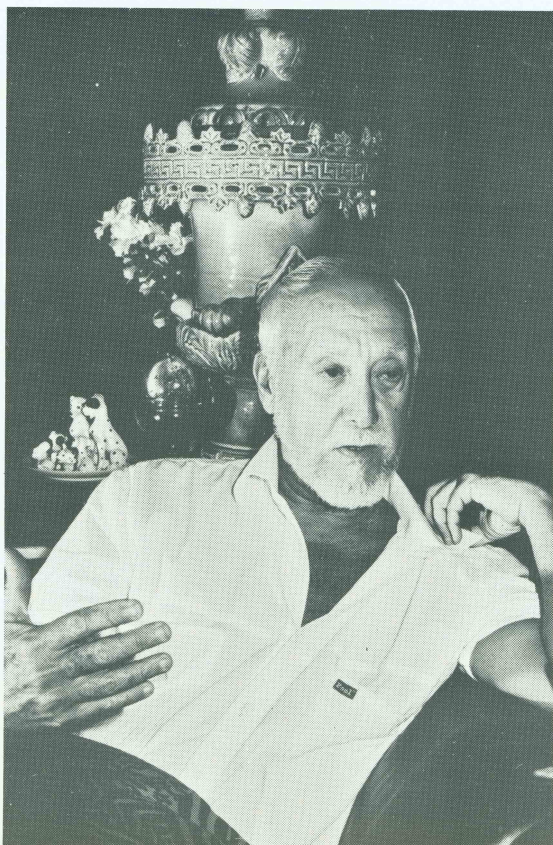
Promover cultura agora é lei. Lei Sarney.







Carlos Bastos



Carlos Bastos é um dos precursores do modernismo baiano nas artes plásticas. Sua primeira exposição data de 1944 (no ACBEU), e neste percurso até hoje tornou-se um dos mais importantes pintores da Bahia, com obras nos acervos de distantes lugares como o Museu Ermitage (Leningrado-Rússia), Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal, Instituto Brasil-Estados Unidos, em Washington, e nas principais cidades brasileiras.

Nascido em Salvador, em 1925, no bairro do Rio Vermelho, desde cedo iniciou-se nas artes. “Eu comecei a desenhar desde pequeno. Tem coisas que não temos o princípio na cabeça. A partir desta tendência me encontrei como pintor. Mas o eu queria ser era diretor de cinema.” Esta observação sobre um desejo não realizado faz lembrar a época em que a pintura virou a profissão. “Na Bahia tínhamos só seis pintores. A Escola de Belas Artes que estudei era bem francesa, uma cópia da escola de Paris, até na casa, que ficava ali na Baixa dos Sapateiros. Hoje não existe mais. Se ser pintor já era difícil, quanto mais dirigir filmes”.

Era ano de 1947 quando na Biblioteca Pública, na Praça Municipal realiza uma individual. Era a primeira de arte moderna na Bahia. “Tenho a honra de dizer que fui o primeiro a expor aqui”. Neste mesmo ano viaja para os Estados Unidos e estuda em New York na Art Student League. De volta, 1949, faz nova individual e desta vez vários de seus quadros são cortados a gilete. A cidade reage contra uma arte que não entende. Mas este incômodo ainda seria maior quando cria os murais do Anjo Azul, um bar no Largo 2 de Julho. “A cidade achava que ali era um antro, um lugar escuro. Tinha gente que não passava pela porta. Era apenas um bar onde intelectuais se reuniam, que começou sem ter nenhuma pretensão cultural, mas acabou se tornando um ponto de encontro, um marco, apesar de muito combatido na época. O Anjo Azul é o fim do academicismo e a chegada do moderno. Depois dele apareceram marchands na cidade, tivemos a primeira galeria que foi a Oxumaré, onde hoje é o Teatro Vila Velha. A Bahia anterior era a das exposições na Biblioteca Pública. Era bem diferente de hoje em dia”.

A referência entre os dois tempos é inevitável. E a resposta é abrangente. Vai da compra/venda, “não era muito, mas era melhor do que hoje, vendia-se barato, daí se vender tanto, e não se tinha a falta de dinheiro de agora e o que é mais importante, hoje, a falta de cultura piorou. Não é o dinheiro apenas que prejudica o mercado”, e chega a observação sobre a geração 70/80 “Os artistas ainda estão dentro da porta aberta pela minha geração. Ainda não atravessaram esta barreira. O próprio tempo não dá para isto. Mas não posso falar muito pois saio pouco, já que Itapua não é a cidade. É Itapua. Além disto vivi muito tempo fora e não vi o que se passou. Estive longe. A vida cultural mudou e eu não presenciei. Mas da geração nova conheço poucos, apenas alguns que brotam, e por mais distante que você esteja, sabe. Mas não é por egoísmo que não os vejo. É por comodidade”.

Sobre seu próprio trabalho, todos estes anos de produção, Carlos Bastos afirma: “Fui muito coerente no que eu fiz. Apesar de fugir de vez em quando em busca de outros caminhos, sempre fui figurativo, com um toque de surrealismo, sem ser surrealista, o que algumas pessoas chamam de realismo mágico, mas eu não sei se é ou não. Enfim, apenas tentei pintar o que eu gosto, já que nunca tive obrigação de satisfazer a ninguém. Nunca liguei para a crítica nem para o dinheiro, e em todas as minhas encomendas fiz e faço o que quero. O que pinto pode não agradar aos outros, mas agrada a mim”. E os retratos? Esta é uma pergunta óbvia, visto ser um dos artistas mais atuantes nesta área, assim como no muralismo. “Quando jovem fiz, pois era um meio de vida. Como tinha facilidade os fiz. Mas é um trabalho desgastante e considero pintura e retrato duas coisas distintas. Não é a mesma coisa. Faz dois anos que não realizo nenhum retrato. Já os murais sempre gostei de fazer. Sou um muralista. Gosto de pintar quadros grandes. Mas já perdi oito aqui e um no Rio. Não há respeito pela arte na Bahia, e para isto basta ver o estado que se encontram as igrejas. Enfim, o trabalho do artista é produzir, fazer como um operário. A preservação cabe as outras pessoas. Mas se reclama”.

Com 63 anos, Carlos Bastos conclui: “Minha pintura hoje vive na descoberta de suas próprias descobertas. Eu atualmente pesquiso dentro do que descobri. Não quero partir para mais longe, porque não quero sair de mim. Continuo figurativo, e espero estar desenhando hoje melhor do que antes, ainda mais que sinto ser o desenho, indo de encontro ao que pensava quando novo, a base da pintura. É como o cálculo para um arquiteto. Sem ele não fica de pé. Hoje, quanto mais desenho mais me interessa pelo desenho. Além disto espero estar com uma técnica mais apurada, pois de nada vale o dom se não se trabalha como um operário. Hoje estou mais racional que emocional. E não importa o que há, pois a coisa vai indo. La nave va”.

